

Deusas Brasileiras

Mini-Coleção de moda inspirada no Sagrado Feminino Amazônico





Universidade do Estado do Pará
Centro de Ciências Naturais e Tecnologia
Curso de Bacharelado em Design

ARIADINE MONTEIRO QUADROS

**DEUSAS BRASILEIRAS: Mini-Coleção de Moda inspirada no Sagrado Feminino
Amazônico**

Belém
2019

ARIADINE MONTEIRO QUADROS

**DEUSAS BRASILEIRAS: Mini-coleção de Moda inspirada no Sagrado Feminino
Amazônico**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a obtenção de grau de Bacharel em Design pela Universidade do Estado do Pará, sob a orientação da Prof^a Dr^a Maria Roseli Sousa Santos.

Belém

2019

Ariadine Monteiro Quadros

**DEUSAS BRASILEIRAS: Mini-coleção de moda inspirada no sagrado feminino
amazônico**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em Design pela Universidade do Estado
do Pará.

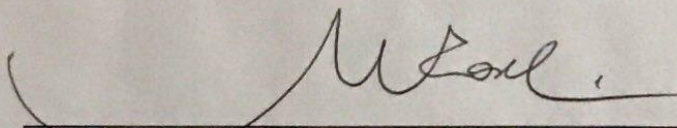
Orientadora: Profª Drª Maria Roseli Sousa Santos

Área de concentração: *Design de Moda*

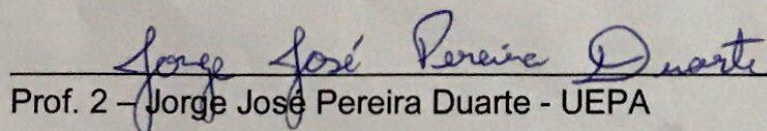
Aprovado em: *02* /12/2019.

Nota: *10,0*.

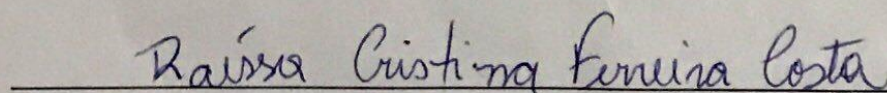
BANCA EXAMINADORA:



Prof. 1 – Profª Drª Maria Roseli Sousa Santos - UEPA



Prof. 2 – Jorge José Pereira Duarte - UEPA



Prof. 3 – Raíssa Cristina Ferreira Costa – PPHIST-UFPA

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de dizer que o mérito de estar concluindo esta etapa não pertence apenas a mim, o Universo sempre colocou pessoas maravilhosas na minha vida, que me deram amor, apoio, que ajudaram eu me tornar quem sou hoje e contribuíram para minha caminhada até aqui.

Agradeço a família maravilhosa que eu tenho que me aceita do jeito que sou e me ajuda do jeito que pode. Sou grata principalmente a minha mãe Cleidiane, que sempre me deu muito amor e carinho, sempre fez de tudo por mim, e que com certeza me influenciou com sua força e interesse pela cultura paraense e folclore brasileiro. Agradeço também ao meu irmão Victor, que contribuiu e me ajudou com diversas ideias criativas para este trabalho. Ao meu namorado Francisco, que já faz parte da minha família, é meu maior companheiro e melhor amigo, me apoia em todas as minhas decisões, e me deu muita força para continuar e concluir esta pesquisa. Sou grata pelo Universo ter colocado a minha gata e filha Lux, na porta da minha casa, fazendo eu descobrir um amor que nunca imaginaria ter por um animal, transformando a minha vida e tornando essa caminhada mais leve.

Agradeço a Universidade do Estado do Pará e a todos os docentes que ajudaram na minha formação, com sua dedicação e atenção, principalmente pela minha orientadora Dr^a. Roseli Sousa, que me inspirou e guiou com toda sua sabedoria e conhecimento, me ajudou com diversos livros para a pesquisa e me presenteou com suas poesias.

Um obrigada a todos os meus amigos que se mobilizaram de alguma forma para tentar me ajudar no meu trajeto dentro deste trabalho, sendo os colegas de curso compartilhando informações ou amigos que mesmo longe, me deram forças com mensagens motivacionais e que sempre acreditam em mim e na minha capacidade.

RESUMO

Este estudo indica o desenvolvimento de uma mini-coleção de moda inspirada no Sagrado Feminino com foco para contexto amazônico, como forma dar visibilidade para as religiões neopagãs que cultuam deidades femininas, e ainda, fortalecer a diversidade cultural local. A abordagem da pesquisa é qualitativa, e de natureza explicativa com base em estudos iconográficos e iconológicos a partir dos mitos indígenas. Realizamos levantamento de dados através de pesquisas bibliográficas em livros e artigos acadêmicos acerca do design de moda e sua metodologia; informações sobre conceito de sagrado feminino entendendo seu contexto no cenário local, através de autores como Joseph Campbell (2015), Doris Treptow (2013) e Taís Borin Vieira (2011). A pesquisa resulta em cinco peças de roupas inspiradas em cinco deusas brasileiras: Matinta Perera; Vitória Régia; Cobra Grande; Caapora/Caipora; e Ceucy, resultando em elementos que traduzem a inovação no trabalho.

Palavras-chave: design de moda, sagrado feminino, cultura amazônica, deusas brasileiras.

ABSTRACT

This study indicates the development of a mini fashion collection inspired by the Feminine Sacred focusing on the Amazonian context, as a way to give visibility to neopagan religions that worship female deities, and to strengthen local cultural diversity. The research approach is qualitative and explanatory in nature based on iconographic and iconological studies based on indigenous myths. We conducted data collection through bibliographic research in books and academic articles about fashion design and its methodology; informations about the concept of feminine sacred understanding its context in the local scenario, through authors such as Joseph Campbell (2015), Doris Treptow (2013) and Taís Borin Vieira (2011). The research results in five pieces of clothing inspired by five Brazilian goddesses: Matinta Perera; Vitória Régia; Cobra Grande; Caapora / Caipora; and Ceucy, resulting in elements that translate innovation at the study.

Keywords: fashion design, feminine sacred, Amazonian culture, brazilian goddesses.

LISTA DE FIGURAS

1. Figura 1: Coleção Verão 2019 da Gucci.	18
2. Figura 2: Estatuetas da Deusa Vênus.	21
3. Figura 3: Neopagãos reverenciando a Mãe Terra no Bosque Rodrigues Alves.	23
4. Figura 4: Matinta Perera.	27
5. Figura 5: Cobra Grande.	28
6. Figura 6: Vitória Régia.	30
7. Figura 7: Caipora/ Caapora.	32
8. Figura 8: Ceucy.	33
9. Figura 9: Painel representativo de comportamento.	37
10. Figura 10: FARM.	38
11. Figura 11: Loja Kaxamana.	38
12. Figura 12: Gucci para Florence Welch.	39
13. Figura 13: Coleção inspirada no sagrado feminino.	39
14. Figura 14: Bruxaria como tendência.	41
15. Figura 15: Painel Bruxaria nas passarelas internacionais de 2016.	41
16. Figura 16: Painel do Estilo Boho nos anos 70 e atualmente.	42
17. Figura 17: Painel de tendências gerais para 2019.	43
18. Figura 18: Paleta de cores Primavera-Verão 2019/ 2020.	43
19. Figura 19: Painel do Estilo de Vida.	44
20. Figura 20: Painel de Expressão do Produto.	45
21. Figura 21: Painel Matinta Perera.	45
22. Figura 22: Painel Vitória Régia.	46
23. Figura 23: Painel Cobra Grande	46
24. Figura 24: Painel Caipora/ Caapora.	47
25. Figura 25: Painel Ceucy.	47
26. Figura 26: Paleta de cores da coleção.	48
27. Figura 27: Croquis da Matinta Perera.	49
28. Figura 28: Croqui Vitória Régia.	50
29. Figura 29: Croquis da Cobra Grande.	51
30. Figura 30: Caapora/ Caipora.	52

31. Figura 31: Croqui Ceucy.	53
32. Figura 32: Arte final da peça Matinta Perera.....	54
33. Figura 33: Arte final da peça Vitória Régia.	55
34. Figura 34: Arte final da peça Cobra Grande.....	56
35. Figura 35: Croqui da peça Caapora/ Caipora.	57
36. Figura 36: Arte final da peça Ceucy.	58
37. Figura 37: Peças da Coleção Deusas Brasileiras.	59
38. Figura 38: Ficha técnica da peça Matinta Perera.	60
39. Figura 39: Ficha técnica da peça Vitória Régia.	61
40. Figura 40: Ficha técnica da peça Cobra Grande.	62
41. Figura 41: Ficha Técnica da peça Caapora, Caipora.....	63
42. Figura 42: Ficha técnica da peça Ceucy.	64
43. Figura 43: Alguns dos tecidos escolhidos para a coleção.	65
44. Figura 44: Modelagem da peça Matinta Perera.	66
45. Figura 45: Corte e montagem da peça Ceucy.	66
46. Figura 46: Look Matinta Perera.	67
47. Figura 47: Look Cobra Grande.....	68
48. Figura 48: Look Vitória Régia.....	69
49. Figura 49: Look Caapora/ Caipora.....	70
50. Figura 50: Look Ceucy.....	71
51. Figura 51: Deusas Brasileiras	72
52. Figura 52: Deusas Brasileiras	73

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
1.1. PONTO DE PARTIDA.....	10
1.2. TRILHAS METODOLÓGICAS	11
2. MARCO TEÓRICO	10
2.1. DESIGN E MODA	10
2.2. SAGRADO FEMININO.....	12
2.3. O CULTO AO FEMININO NO CONTEXTO AMAZÔNICO.....	15
3. DEIDADES FEMININAS.....	19
3.1. MATINTA PERERA.....	19
3.2. COBRA GRANDE	18
3.3. VITÓRIA RÉGIA.....	20
3.4. CAAPORA.....	22
3.5. CEUCY.....	24
3.6. OLHAR ICONOGRÁFICO E ICONOLÓGICO	27
4. PROJETO DA COLEÇÃO.....	29
4.1. PESQUISA.....	29
4.1.1. Pesquisa de Comportamento	29
4.1.2. Pesquisa Comparativa de Mercado	30
4.1.3. Pesquisa de Tendências	33
4.2. DESIGN.....	37
4.2.1. Inspirações.....	37
4.2.2. Cores.....	37
4.2.3. Desenhos.....	38
4.2.4. Definições da Coleção.....	42
4.2.5. Fichas técnicas.....	49
4.3. DESENVOLVIMENTO	58
4.3.1. Confecção	58
4.3.2. Apresentação das Peças.....	60
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
6. REFERÊNCIAS	67

7. APÊNDICES	75
---------------------------	-----------

1 INTRODUÇÃO

O interesse pelo sagrado feminino sempre esteve presente em vivências pessoais, resultado da convivência com uma família tipicamente supersticiosa vinda do interior do Pará, onde a espiritualidade da população local ainda é fortemente influenciada pela conexão com a floresta, assim como seus mitos e lendas. O tema se alia ao interesse por assuntos mais aprofundados relacionados ao feminismo e representatividade feminina em diversos aspectos, inclusive na dimensão espiritual e do místico amazônico. Agregando também à afeição pelo design de moda, enxergou-se uma oportunidade de preservar o imaginário local através de uma mini-coleção inspirada em deidades femininas, presentes em mitos e lendas e que hoje são cultuadas por algumas religiosidades neopagãs da região.

1.1.PONTO DE PARTIDA

Com relação a este interesse pessoal sobre representatividade feminina no universo sagrado, Taís Borin Vieira (2011), traz uma série de denominações para essa busca, ela apresenta termos como “espiritualidade feminista” ou “teologia”, para as práticas nas quais as mulheres procuram se encontrar em antigas religiosidades e crenças em divindades femininas. Aponta que a busca é principalmente impulsionada pelo papel feminino em religiões tradicionais como o cristianismo ou o islamismo, nas quais a mulher pode ser retratada como inferior ou com mais tendência ao pecado.

Vieira (2011) ainda destaca, que é possível perceber que a resistência feminina frente às imposições patriarcais possui resquícios das sociedades primitivas, as quais cultuavam figuras femininas e passaram por uma série de repressões e, ainda foram negadas e apagadas historicamente por muito tempo. Porém, com o avanço dos achados arqueológicos, as práticas de culto ao feminino vieram à tona, juntamente com as mudanças culturais, principalmente nas décadas de 60 e 70, como evidencia Silas Guerreiro (2006), indicando uma nova consciência e necessidade para a sociedade, que insatisfeita com as religiões tradicionais, buscavam novas formas de se encontrar espiritualmente.

Ademais, ao que tange os autores trabalhados nesta pesquisa: seguiremos a metodologia apresentada por Doris Treptow (2013), e para uma melhor compreensão do conceito de sagrado feminino, inicialmente recorreremos a um estudo sobre os diversos significados do sagrado através das definições de Mircea Eliade (1992). Em seguida pesquisamos sobre deidades femininas em diversas culturas a partir de Joseph Campbell (2015), e ainda aprofundou-se

acerca do feminino no contexto nacional e posteriormente o regional através de artigos como o de Vieira (2011), que fala sobre a busca por representatividade feminina dentro de práticas pagãs na contemporaneidade.

Nos aspectos culturais, foram explorados livros como o *Amazônia Fantástica* de Jairo Costa (2013), e o *Guia das Deusas Brasileiras* de Mavesper Cy Ceridwen (2003), para adentrar sobre deidades presentes no imaginário amazônico como a Matinta Perera, Vitória Régia, Cobra-Grande, Caipora e Ceucy e que ganham espaço dentro de práticas pagãs. A partir desse levantamento, aplicou-se um estudo iconológico e iconográfico com base de estudo em Panofsky (1986).

Consideramos que o desenvolvimento de um produto que esteja reforçando essa nova consciência de espiritualidade, seja compatível com as ideologias contemporâneas, tendo em vista que seja um ramo pouco explorado no cenário regional. Além, de como destacado por Vieira (2011, p. 33), “re-imaginar o divino como feminino terá importantes consequências psicológicas e políticas para homens e mulheres”, impactando principalmente a vida de milhares de mulheres que foram criadas e ensinadas a serem submissas em diversos aspectos. Para esta autora, é importante estimular a crítica aos problemas sociais vigentes, através do resgate de um conhecimento negado historicamente às mulheres, assim, contribuindo para uma sociedade mais justa e igualitária.

1.2. TRILHAS METODOLÓGICAS

Para o desenvolvimento do trabalho foi construído um trajeto metodológico tendo como problemática a tradução dos elementos simbólicos do sagrado feminino disposto nas dinâmicas e diversidade cultural amazônica para uma mini-coleção de moda. A hipótese trabalhada é a de que uma coleção de moda que represente de maneira satisfatória os símbolos e significados do sagrado feminino pode ser erguida a partir da visibilidade acerca das deidades presentes no contexto amazônico, assim valorizando a diversidade cultural no cenário local.

O objetivo principal foi desenvolver uma coleção de moda inspirada no sagrado feminino no cenário amazônico. E ainda, realizar uma pesquisa e análise bibliográfica referente ao sagrado feminino, contextualizar o sagrado feminino com o cenário amazônico, pesquisar metodologias para o processo de criação da mini-coleção de moda e por fim, traduzir os conceitos e simbologia do sagrado feminino amazônico para uma coleção de moda.

Como dito anteriormente, a proposta metodológica que serviu como guia para o projeto da mini-coleção foi a apresentada por Doris Treptow (2013), que nos indicou como um dos primeiros passos a pesquisa em moda, na qual foram buscadas as informações pertinentes à coleção; em seguida, partiu-se para o planejamento no qual foram definidas a variedade e quantidade de peças; posteriormente, passa-se para a fase que engloba todos os aspectos relacionados ao design, desde inspiração, até desenho de moda. E por fim, a fase de desenvolvimento, na qual foram produzidos protótipos para serem provados e testados até se chegar na peça final. Para dar suporte criativo ao projeto, foram utilizados os painéis de estilo de vida, expressão do produto e tema visual, de Mike Baxter (2000).

A abordagem da pesquisa possui caráter qualitativa e de natureza explicativa com base em estudos iconográficos e iconológicos a partir dos mitos das deidades destacadas, de acordo com GIL, A.C. (1994), o qual considera o conhecimento como baseado na experiência, que resultará em um produto geral obtido a partir de experiências e observações particulares. Foram consultados artigos científicos e livros para substanciar o estudo. E no que tange aos estudos da iconografia e iconologia, visualiza-se as diversas camadas de significados existentes nas simbologias presentes nos mitos trabalhados e a relação entre o significado em contraposição a sua forma, seguindo o método concebido por Panofsky (2004).

Segundo a classificação de GIL, A.C. (1994), em relação aos métodos de meio técnico da pesquisa, esta define-se como monográfica, considerando que pretendesse estudar e entender os aspectos relacionados ao culto ao feminino no contexto amazônico e a partir de suas simbologias, gerar uma coleção de moda.

Com base em GIL, A.C. (1994), os procedimentos técnicos utilizados foram: a pesquisa bibliográfica, buscando informações pertinentes ao desenvolvimento da coleção e ao tema trabalhado, principalmente em livros e artigos científicos, e a documental, através de materiais como vídeos e fotografias e outros registros. Este autor destaca que, deve-se considerar estudos e levantamentos de campo em espaços que disponham de acervos culturais, para a obtenção de conhecimentos acerca das imagens/ símbolos, estudos de caso e informações que fazem parte da realidade do grupo estudado. Após a coleta de todas as informações necessárias, aplicou-se os estudos iconográficos e iconológicos do material coletado, para a interpretar e sistematizar os resultados.

Para uma melhor contemplação dos processos e metodologias seguidas, o desenvolvimento do trabalho foi dividido em etapas, as quais estão descritas no quadro abaixo:

ETAPA	DESCRIÇÃO	METODOLOGIA
Pesquisas bibliográficas, documentais, estudos de campo e de caso.	Coleta das informações pertinentes ao tema, através de livros artigos, fotografias e outros registros; levantamento de dados em espaços, e grupos sociais que fazem parte do contexto cultural estudado.	De acordo com a definições de GIL, A.C. (1994).
Estudos iconográficos e iconológicos	Interpretação das simbologias dos mitos a partir do método proposto por Panofsky.	Erwin Panofsky (1986).
Pesquisa em moda	Busca de informações a respeito do comportamento do consumidor e do mercado, fontes de materiais e técnicas de acordo com a disponibilidade regional, pesquisa de tendências, e acerca do tema da coleção.	Doris Treptow (2013)
Planejamento da coleção	Definição da variedade e da quantidade das peças da coleção, assim como outros aspectos que servirão de guia para o projeto.	Doris Treptow (2013)
Inspiração, cores e tecido	Buscar fontes de inspiração, inserção de painéis, definir paleta de cores e os tecidos que serão utilizados nas peças.	Doris Treptow (2013)
Painéis visuais	Inserção de painéis de estilo de vida e expressão do produto.	Mike Baxter (2000)
Elementos e princípios do design	Definição de linhas, cores, texturas, silhuetas e formas, assim como a disposição de tais elementos, obedecendo ou não os princípios do design.	Doris Treptow (2013)
Desenhos	Realização de esboços feitos à mão e posteriormente o refinamento das peças selecionadas.	Doris Treptow (2013)

Desenvolvimento	Produção dos protótipos a serem encaminhados para provas e testes, e por fim, a obtenção das peças finais.	Doris Treptow (2013)
-----------------	--	----------------------

2 MARCO TEÓRICO

2.1 DESIGN E MODA

De acordo com Doris Treptow (2013), as roupas têm origem pré-históricas, elas eram feitas de peles de animais e, basicamente, tinham a função de proteger o homem das intempéries. Porém, alguns historiadores defendem que as roupas, ainda possuíam um significado místico, de que o caçador, vestindo a pele daquele animal caçado, adquiria sua força. Segundo a autora, posteriormente, as roupas foram ganhando outros significados e funções, como para diferenciar classes sociais.

A autora, define que a moda surge no momento que essa diferenciação dos demais é valorizada pelo homem e que essa diferenciação acaba gerando uma influência nos outros indivíduos, que visam seguir os mesmos padrões de quem se admira, resultando na cópia, e consequentemente obsolescência, tornando a moda, um fenômeno social temporário. Segundo Treptow (2013), a moda possui o seguinte ciclo: lançamento - que pode ser através da criação de um designer; consenso - quando ela começa a ser adotada por vanguardistas e aceita como voga; consumo ampliado - quando ela é adaptada em mercados mais populares; massificação - quando ela já faz parte de um domínio geral; e por último, o desgaste - quando a moda perde seu conceito inicial de diferenciação e entra em obsolescência.

Treptow (2013), atenta para o papel do designer de moda, ela defende que deve haver um certo equilíbrio entre as questões objetivas e a sensibilidade artística. Ainda, apresenta algumas habilidades necessárias para este profissional, como a capacidade de pesquisar, organizar e inovar, capacidade de desenvolver respostas apropriadas para problemas novos, talento para combinar forma, técnica, condições humanas e sociais, sabedoria para prever consequências ecológicas, sociais e políticas, entre outros.

Ainda segundo Treptow (2013), é possível obter algumas definições de coleção de moda, que a estabelecem como “um conjunto de produtos que possuem harmonia estética ou comercial, cuja entrega e fabricação são previstas para determinada época do ano”, ou, que a relação dos produtos está centralizada no tema escolhido para a coleção.

Figura 1: Coleção Verão 2019 da Gucci.



Fonte: Disponível em: <<https://vogue.globo.com/moda/moda-news/noticia/2018/05/gucci-vai-desfilar-verao-2019-na-semana-de-paris.html>>. Acesso em: 19 ago. 2019.

Treptow (2013), explica a importância da pesquisa em moda e apresenta seis principais aspectos a serem trabalhados: 1) comportamento, no qual se acompanha o público alvo e seus interesses; 2) comparativa de mercado, no qual são analisados as concorrências; 3) pesquisa tecnológica, no qual se busca novas técnicas e maquinários; 4) pesquisa de vocações regionais, onde busca-se materiais e técnicas alternativas de acordo com disponibilidade local; 5) pesquisa de tendências, onde será identificado fontes de inspiração e informações sobre cores, estilo e tecido; e por fim, 6) pesquisa de tema da coleção, na qual a partir da inspiração escolhida, reúne-se informações que serão utilizadas criativamente no projeto.

Para Treptow (2013), a definição dos aspectos organizacionais da coleção objetivos, serve como guia e limita o risco de erros e excessos durante a produção, ela ainda apresenta que o número mínimo de peças em uma coleção está entre 20 e 30, e o máximo em torno de 80 peças.

Outros aspectos importantes que são abordados pela autora, são os que dizem respeito da inspiração, na qual ela atenta para o fato de que o designer deve estar aberto para diversas fontes de inspiração: - cor, ela define que uma cartela com oito a nove cores, geralmente é o

suficiente para ser trabalhada, e que são selecionadas a partir de painéis e do tema de inspiração; - tecido, que podem ser de origem vegetal, animal, mineral e artificial, estes são a matéria prima da coleção e devem ser escolhidos respeitando suas características e adequação ao que se deseja produzir; - elementos e princípios do design, no qual estão inseridos linha, cor, textura, forma, silhueta, repetição, contraste, harmonia, etc..; - elementos de estilo, o qual se define como a unidade visual das peças da coleção; e por fim, -desenho, que é importante para que o designer consiga transmitir e visualizar suas ideias, os croquis de moda podem ser produzidos à mão ou assistidos por computador, (Treptow, 2013).

Para o aprofundamento acerca do aspecto social da moda, André Carvalhal (2016) em seu livro “Moda com Propósito”, aponta a importância de agregar valores naturais, sociais e culturais tanto na produção quanto no consumo de moda. Seguindo este raciocínio, no livro “Sociologia da Moda” de Frédéric Godart (2010), a moda é descrita como sendo um elemento essencial para a construção identitária e de expressão de grupos sociais e dos indivíduos.

De acordo com Manuel Castells (1999), a identidade pode ser definida como a fonte de significado e experiência de um povo. Relacionando com o âmbito cultural, Godart (2010) explica que a moda fornece sinais que permitem tal construção identitária através da criação de objetos portadores de um significado que transcende a sua função.

Godart (2010), manifesta que “a moda progride no espaço onde as tradições regridem”, podendo se fazer um paralelo direto com o tema deste estudo, que busca quebrar com convencionalidade através da geração de produtos que valorizam uma prática religiosa não-tradicional. Letycia Valtrique da Luz e Rafaela Bett Soratto (2019), em seu artigo que fala sobre a moda no contexto da filosofia do sagrado feminino, as autoras concluem que as roupas não servem apenas para cobrir corpos e os protegerem das intempéries, elas possuem um significado. Sendo roupas na cor vermelha, que são utilizadas para celebrarem a menstruação, ou o modelo de saia longa, que reflete a conexão do útero com a terra. Neste sentido, as vestimentas transmitem sentimento e história.

2.2 SAGRADO FEMININO

Para dar conta dos estudos acerca da temática principal do projeto, considera-se necessário elucidar algumas questões sobre os estudos acerca do “sagrado”. São apresentadas definições semelhantes, porém diferenciadas para o termo “sagrado”, segundo Hermann (2008,

apud Pequeno Aurélio 1969), o explica como sendo sinônimo de “santo”, além de também ser compreendido como: “respeitante aos ritos ou ao culto religioso, inviolável, profundamente venerável e puro”. Etimologicamente, o termo é originado da palavra em latim, *sacrum*, que se diferencia de “santo” por poder abranger um significado mais amplo e imanente.

De acordo com Mircea Eliade (1992), a definição mais simples para o termo “sagrado”, seria pela sua oposição ao profano. Conhecido através da manifestação de algo pertencente a outro mundo, algo fora da nossa realidade, em objetos pertencentes ao nosso mundo natural e herege. Para o cientista da religião, um “objeto sagrado” deixa de se ser um objeto qualquer e passa a ter um significado em uma realidade sobrenatural para aqueles que o enxergam através de um olhar religioso. O mitólogo explica ainda, que o homem das sociedades arcaicas tinha a tendência de passar mais tempo dentro do sagrado, pois o entendia como a realidade, e que para ele, simples atos tomados como naturais ou fisiológicos pela sociedade moderna, como a alimentação ou o sexo, eram consideradas práticas sagradas.

Considerando que a escrita ainda não havia sido criada, os estudos acerca das sociedades primitivas, se baseiam em achados arqueológicos para compreensão de suas crenças e práticas. Segundo o mitólogo Joseph Campbell (2015), nas sociedades do período Paleolítico, as quais precediam a domesticação dos animais e primeiras lavouras, a população praticava apenas a caça e a colheita. Essas civilizações foram levadas a migrar para diversas regiões ao longo do tempo, o que originou em dois tipos de povos completamente distintos culturalmente. Um em que os corajosos caçadores arriscavam sua vida para providenciar o alimento e consequentemente sua mitologia tinha ênfase na figura masculina. E a segunda, em que o alimento era obtido através do mundo vegetal, da colheita, da terra, induzindo a uma associação às funções biológicas da mulher, a qual dá nascimento à vida e a nutre, formando assim uma mitologia com ênfase no feminino.

Foram encontrados os primeiros artefatos que sugeriam o culto a uma Deusa, as estatuetas da Vênus do Paleolítico, espalhadas pela região do oeste da França até as fronteiras da China. Campbell (2015), explica que as estatuetas eram encontradas nas habitações daqueles povos, também foram achadas pinturas em cavernas, que sempre remetem à figura feminina como sendo uma agente de transformação e sua ligação com o homem através de funções como a da fecundidade. Ainda segundo o autor, as estatuetas evidenciavam os quadris e os seios, simbolizando a reprodução e a nutrição, gerando assim uma ligação direta da figura do feminino

com a natureza, levando a conclusão de que a mulher foi o primeiro ser adorado do mundo humano.

Figura 2: Estatuetas da Deusa Vênus.



Fonte: Disponível em: <<https://netnature.wordpress.com/2016/12/07/as-deusas-venus-do-paleolitico/>>. Acesso em: 21 ago. 2019.

Campbell (2015), discorre por diversas imagens, símbolos e mitos que envolvem a grande Deusa, passando pelo período Neolítico com as peças da Deusa Mãe esculpida em cerâmica. Em seguida, ele expõe a repressão que o culto ao feminino sofreu com a invasão dos povos indo-europeus e semitas, com suas crenças patriarcais que viriam a influenciar futuras religiões. Além de apresentar deusas sumérias, egípcias, gregas, e ainda analisa o poema *Ilíada* e *Odisseia*, que aborda o cruzamento entre as crenças em deidades masculinas dos invasores e as Deusas cultuadas pelos povos antigos. O autor também relata que a Madonna, a mãe de Deus, tão representada nas artes e muito adorada até hoje, em seu ponto de vista, é quase uma versão nova da antiga Deusa, pois, “agrega todos os atributos que a última apresentou ao longo dos milênios”.

Segundo Taís Vieira (2011), a chegada de povos invasores, dizimaram a cultura da Deusa e a restringiram em lugares remotos na Creta e Irlanda, que posteriormente, também acabaram desaparecendo com o patriarcado romano e a consolidação do cristianismo. Também é comentado, a perseguição que as mulheres sofreram na idade média com os processos da Inquisição, nos quais, milhares de mulheres foram acusadas de bruxaria e mortas, apenas por preconceitos sociais propagados pela igreja.

Na contemporaneidade, Vieira (2011), relata que a história das mulheres e seu papel ao longo dos milênios, foi por muito tempo deixada de lado, e que, com a ajuda da arqueologia e do movimento feminista, tem-se percebido um resgate às religiões matriarcais e ao culto ao feminino. A autora, ainda aponta que uma das principais formas de buscar essa representatividade espiritual é através do neo-paganismo, que a autora explica como sendo o renascimento do paganismo – prática religiosa pré-cristã -, mais especificamente a religião Wicca, que muitas vezes é referenciada como a “A Religião da Deusa”.

Ainda de acordo com Vieira (2011), a partir da segunda fase do movimento feminista (segunda metade do século XX), as mulheres passaram a combater diversas formas de dominação, incluindo a promovida pelas religiões tradicionais que ainda servem de base para a sociedade atual, o que abriu espaço para buscar espiritualidades não patriarcais. A possibilidade de representação que religiões como a Wicca trazem, chamou a atenção das feministas, que juntamente aos neopagãos, enxergaram a oportunidade de educar o público em geral acerca do paganismo e do Sagrado/Divino Feminino.

2.3 O CULTO AO FEMININO NO CONTEXTO AMAZÔNICO

De acordo com Maristela Oliveira de Andrade (2009), nos primórdios da colonização brasileira, os portugueses introduziram o catolicismo e utilizaram instrumentos, como a catequese, para a evangelização dos povos nativos e escravos. Estes grupos acabaram absorvendo o catolicismo às suas maneiras, misturando com suas crenças originais, indígenas e afrodescendente. Ainda segundo a autora, embora a igreja perseguisse infiéis, acabava cedendo a algumas práticas diferentes as quais coexistiam na colônia. Essa convivência, contribuiu para uma mistura de tradições e crenças, produzindo assim, novas formas de religiosidade, o que se é chamado de sincretismo.

Andrade (2009), explica que esse entrelaçamento entre crenças, promoveram experiências sincréticas que se mantêm até os dias de hoje no comportamento religioso do povo brasileiro. Para ela, o catolicismo foi a tradição que deixou marcas mais profundas, e que quando perdeu seu monopólio, abriu ainda mais espaço para outras formas de religiosidade, principalmente para as vertentes Protestante e Espiritismo Kardecista, e posteriormente já no início do século XX, percebeu-se um crescimento de adeptos de religiões de matriz africana.

Para Daniela Cordovil (2016), as representações patriarcais estão presentes no cristianismo, o judaísmo e o islamismo. Porém, há movimentos, como a teologia feminista, que buscam resgatar a importância da mulher, inclusive dentro dessas religiões tradicionais, e que por outro lado, existem religiosidades que reconhecem o sagrado feminino e permitem destaque às mulheres, como é o caso do Candomblé e da Wicca.

Vieira (2011), alega que o neo-paganismo e a Wicca são as principais formas de resgate do sagrado feminino pela espiritualidade feminista e, de acordo com Dannyel de Castro (2012), esta última vertente religiosa, trabalha divindades nativas brasileiras. O autor, descreve que a Wicca é uma religião que está diretamente ligada a natureza e seus ciclos, e explica que as faces da Deusa e seu consorte, podem ser encontrados em diferentes mitologias sobre diferentes representações, inclusive no panteão mitológicos nativo brasileiro, no caso o indígena.

Figura 3: Neopagãos reverenciando a Mãe Terra no Bosque Rodrigues Alves.



Fonte: Revista Visagem. Disponível em:

<http://grupovisagem.org/revista/edicao_v1_n2/experiencia-etnografica/neopagaos-na-cidade/>. Acesso em: 28 ago. 2019

Castro (2012), cita a obra de Mavesper Cy Ceridwen, o livro “Wicca Brasil – Guia de Rituais das Deusas Brasileiras”, na qual, a sacerdotisa faz uma ampla pesquisa acerca das divindades femininas. Como citado pelo autor (2012, p. 17, apud CERIDWEN, 2003, p. 39) “Para conhecê-los [os deuses brasileiros], precisamos percorrer o folclore e os mitos indígenas, buscando as versões mais antigas, das populações pré-cabralinas”.

Ainda segundo Castro (2012, p. 18, apud CERIDWEN, 2003, p. 43), a pluralidade dos povos nativos é muito grande “cerca de 267 povos diferentes (que restaram dos mais de mil que, estima-se, havia em 1500), que falam cerca de 170 línguas diversas”. O autor ainda cita:

Compreender que não existe absoluta identidade cultural entre esses povos, que podem ser tão diferentes entre si quanto o povo russo e o angolano, é fundamental para percebermos por que é quase impossível chegar a uma mitologia consolidada. Quando percebemos que as mitologias, embora contenham temas muitas vezes quase idênticos, são tão variadas quanto o número de povos indígenas, talvez consigamos compreender o caminho a tomar para encontrar as Deusas do Brasil (apud CERIDWEN, 2003, p.43).

Castro (2010, p. 18, apud CERIDWEN, 2003, p. 46), explica ainda, a relação dos povos nativos com o sagrado, e que as denominações “deusa” ou “deus”, não se aplicam de forma rigorosa neste contexto. O autor, atribui a importância do resgate do culto às divindades indígenas, a tanto os povos nativos quanto os wiccanos, terem forte ligação com a ancestralidade e com a natureza. Ainda se é citado, algumas deidades que ficaram eternizadas no folclore brasileiro, como o Boitatá, o deus das águas doces, e Macunaíma o deus das criações.

Porém, pela Wicca exaltar o sagrado feminino, Castro (2012), enfatiza rituais dedicados a duas deusas do panteão nativo brasileiro, a Cobra Grande e Seucy. Sobre o arquétipo desta primeira divindade na Wicca, o autor cita a sacerdotisa da Tradição Diânica do Brasil:

No mito da Cobra Grande, ela se apresenta para nós como a Senhora dos Elementos e se traduz como aquela que possui poderes cosmogônicos. A imagem arquetípica mostra que o próprio rio é o Corpo dessa Deusa. Ela pode engolir tudo o que vê pela frente e depois regurgitá-lo em novas formas. Para nós ela aparece como aquela que nos possibilita pôr ordem ao caos. Nos auxilia a compreender os ciclos; nos ensina a responsabilidade, paciência. Nos dá a compreensão do poder da criação e renovação. Representa o poder ancestral da serpente, da sexualidade criadora (apud entrevista realizada em 27/7/12).

Com relação à divindade Ceiuici, Castro (2012), a apresenta como referência as constelações das Pleiades, chamada pelos indígenas de “sete estrelas”, ela seria assim, a Mãe das Estrelas, a deusa que trouxe a vida Jurupari.

Ainda sobre as divindades femininas da mitologia dos povos nativos brasileiros, a obra coletiva “Práticas de Wicca Brasil: Saberes da *Terra Brasilis*” da Tradição Diânica do Brasil,

traz um subcapítulo, no qual discorre sobre a mitologia de diversas deusas brasileiras, entre elas, as já citada acima, Cobra Grande e Ceiuci/ Ceucy/ Seucy – dependendo do autor, o nome desta deidade possui várias formas de ser escrito, e outras divindades que integram a mitologia nativa, como por exemplo, a Matinta Pereira, tida como a Deusa Educadora, e Mani, como Deusa Nutridora, além de também serem apresentadas diversas outras deidades femininas com seus mitos e simbologias.

Não se pode deixar de notar que personagens conhecidas da mitologia como a Vitória-Régia, e a Iara, também podem se encaixar neste arquétipo.

3. DEIDADES FEMININAS

Para dar continuidade ao projeto, resolvemos aprofundar a pesquisa em cinco deidades femininas brasileiras: Matinta Perera, Cobra Grande, Vitória Régia, Caipora e Ceucy, que são cultuadas pelo neo-paganismo brasileiro, mais precisamente pela vertente Wicca, e que servirão de inspiração para a coleção em desenvolvimento.

3.1. MATINTA PERERA

Jairo Costa, conta em seu livro *Amazônia Fantástica* (2013), as narrativas que falam de uma entidade que apavora moradores de vilas, povoados e cidades da região amazônica. Segundo a lenda, o mais comum é a Matinta ser descrita como uma velha de cabelos desgrehados e corpo suspenso flutuando no ar, que vaga pela noite soltando seu temido assobio, e que pode se transformar em bicho, geralmente em algum pássaro. Também é comum, atribuir-se a identidade da bruxa, a alguma senhora de idade, moradora da região, que possua hábitos noturnos. Dizem que quando sai a noite para cumprir seu fado, persegue aqueles que zombam dela durante o dia, a feiticeira também gosta de mascar tabaco, e uma forma de descobrir sua verdadeira identidade, é prometer a ela tabaco, pois ela sempre vai buscar no dia seguinte.

Mavesper Cy Ceridwen, conta em seu livro *Wicca Brasil- Guia de Rituais das Deusas Brasileiras* (2003), que a Matinta tem origem na mitologia das nações indígenas do Pará, na qual trata-se de uma índia muito séria e sábia, educadora de crianças, que se transformaria em coruja para assustar as crianças desobedientes. Nesta versão da lenda, ela explica que podem existir dois tipos de matinta pereras, a com asa e a sem asa, a com asa pode se transformar em pássaro e voar pelas redondezas e a sem asa, anda sempre acompanhada do pássaro agourento, conhecido como rasga-mortalha.

Figura 4: Matinta Perera.



Fonte:

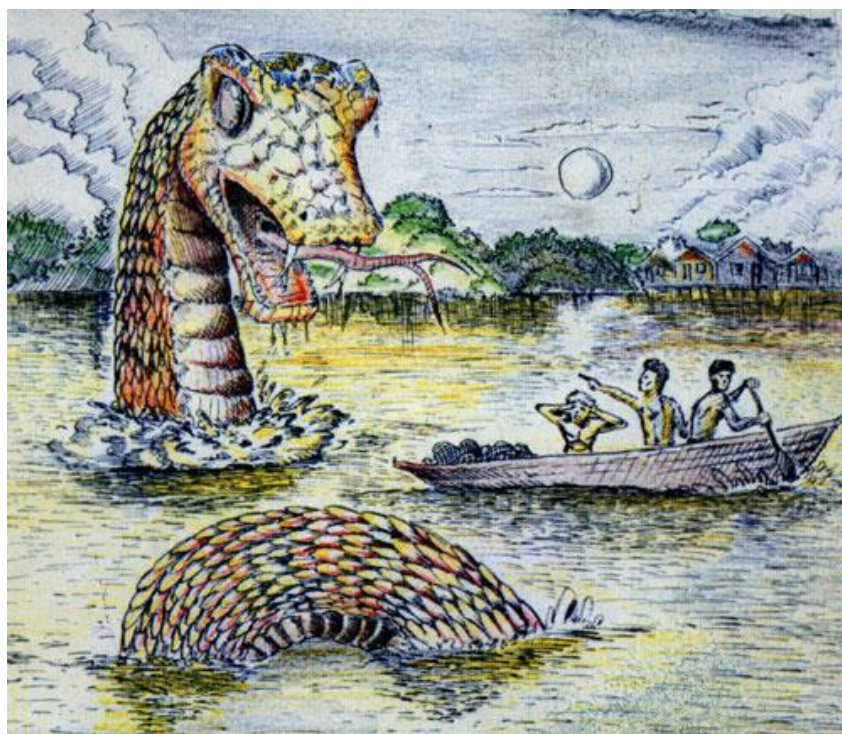
<http://folclorebrasilmermaga.simplesite.com/421306735>

A autora enxerga a Matinta Perera como a face anciã da Deusa, cultuada pelos praticantes da Wicca. Ela conta que assim como muitos outros mitos da Deusa, essa entidade foi transformada em bruxa pela visão cristã, Ceridwen a enxerga como a face educadora da Deusa, que pode assustar e cobrar que nossas lições sejam aprendidas. A autora, também apresenta os materiais utilizados no ritual desta deidade: toalha marrom, velas amarelas, pena de coruja, a representação de uma coruja, poejo, sementes ou folhas de sucupira, folhas de macaúba ou oliveira.

3.2. COBRA GRANDE

Com relação a lenda da Cobra Grande, também conhecida como Mãe do Rio, Mãe D'Água, Cobra Norato, Boiúna, segundo Costa (2013), se trata de uma criatura encantada que vive nos rios da Amazônia e que já aterrorizou exploradores, índios e ribeirinhos locais. De acordo com o autor, a maioria dos relatos a descrevem como uma serpente comum, mas que possui um tamanho monstruoso, cuja as escamas refletem a luz do luar e seus rastros se tornam igarapés. Além disso, relata-se que algumas comunidades ribeirinhas, temendo a Cobra Grande, pedem licença à Grande Mãe, para adentrar os rios e igarapés.

Figura 5: Cobra Grande.



Fonte: <https://clubebritasileirodetrensfantasmas.blogspot.com/2016/01/a-lenda-da-cobra-gigante-norte-do-brasil.html>

Ainda sobre este mito da Cobra Grande, Costa (2013), apresenta as variações que a lenda possui. No estado do Amazonas, acredita-se que quando uma mulher engravida de uma assombração, a criança nascerá predestinada a se tornar uma Cobra Grande. No Acre, estende-se a criatura como uma versão feminina da lenda do boto, segundo esta variação, a Boiúna, transforma-se em uma bela morena em noites de luar durante o mês de junho, para ir seduzir os homens nos arraiais da região. Já no estado de Roraima, dizem que a índia Cunhã Poranga, a mais bela da tribo, apaixonou-se pelo Rio Branco, provocando ciúmes em Muiraquitã, que a

encantou para que a jovem se transformasse na cobra Boiúna, que então passou a proteger as águas do rio.

Ceridwen (2003), a retrata como a Senhora da Ordem, do Elementos, a geradora da vida, e entendendo o seu corpo como sendo o próprio rio, atribui a esta deidade, poderes cosmogônicos. De acordo com a sacerdotisa, na cerâmica e cestaria indígena brasileira, possuem diversas referências à Cobra Grande, variando desde a forma de raio até a forma de espirais e arco-íris. A autora também faz um paralelo entre o mito e outras deidades da Teologia mundial como Ísis, Tiamat, Oxumaré, e a Deusa serpente Chinesa, Nu-Kwa, que assim como a Cobra Grande, representa a recriação do mundo e a ordenação da realidade. Para seu ritual, são necessários materiais como: velas nas cores branca, verde, vermelho e preto, jarro de água, toalha com desenho de escamas de cobra, essência de mogno, casca de castanhas do Pará, bacia com areia e madeira petrificada.

Ceridwen (2003), também traz variações dessa lenda como a Tuluperê, que segundo a lenda era uma Cobra-Grande que matou e comeu vários animais até ser caçada e morta, quando retiraram seu enorme corpo da água foram encontradas pinturas traçados no corpo da cobra. Também é apresentada a lenda da MBoitatá, a cobra de fogo que corre pelas matas a protegendo daqueles que a desrespeitam e tentam atear fogo. Esta autora, a compara com outras deidades de diferentes culturas, e a entende como uma Deusa Guerreira Protetora, que usa o fogo como castigo para aqueles que ameaçam destruir a mata.

3.3. VITÓRIA RÉGIA

No livro *Amazônia Fantástica* (2013), Jairo Costa apresenta várias versões do mito da Vitória Régia, como a versão da índia Moroti e do guerreiro Pitá, que segundo a lenda, estavam apaixonados e como prova de amor, Moroti jogou sua pulseira no rio para que Pitá a trouxesse de volta. O guerreiro apaixonado, jogou-se no rio, porém não retornou, a índia desesperada, jogou-se atrás do amado e obteve o mesmo fim. No dia seguinte, no mesmo lugar, nasceu uma grande flor, a Vitória Régia, rainha das flores da Amazônia.

Figura 6: Vitória Régia.



Fonte:

<http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/interaja/multiclube/9a11/diz-a-lenda/13074-vit%C3%B3ria-r%C3%A9gia>

Outra versão apresentada e mais conhecida, é a da índia Naiá. Diz a lenda, que uma bela índia chamada Naiá, acreditava que a lua escolhia as índias mais bonitas da aldeia para transformá-las em estrelas que brilhariam para sempre. Naiá desejava ser escolhida pelas lua, então todas as noites ela sai de sua oca para ser vista, porém a lua não a chamava, Sem esperanças, a índia passava noites vagando à beira de um lago, até que uma certa vez, ao ver o reflexo da lua nas águas, atirou-se para ir ao seu encontro mas acabou se afogando. A lua comovida com o sacrifício da jovem, a transformou na delicada flor Vitória Régia.

Ceridwen (2003), também conta a lenda da índia Naiá, que se apaixonou pela lua e mergulhou em um lago para alcançar seu reflexo nas águas, afogando-se e então sendo

transformada em uma flor que só abre suas pétalas à luz do luar. A autora a entende como uma donzela lunar, que passa por um processo de morte e renascimento, que representa transformação e viagem pelo autoconhecimento através do espelho lunar.

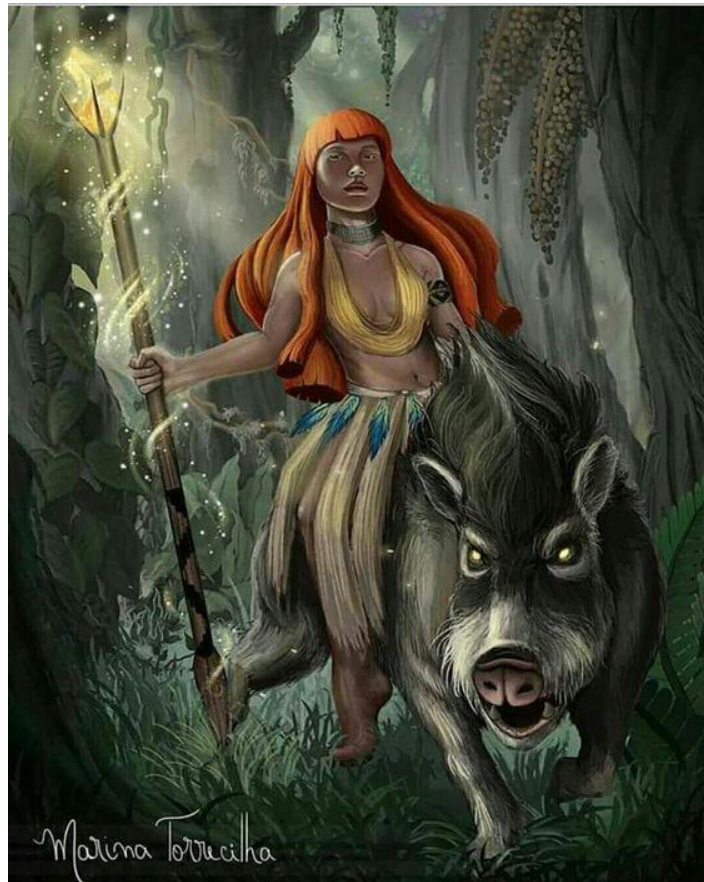
Além disso, é apresentado comparações com a Deusa grega Kore, que se transforma em Perséfone, e também a outras deidades que renasceram como plantas aquáticas como Lakshmi que é o lótus, e a Ísis, que é o lírio. Para seu ritual, utiliza-se toalhas brancas, velas pratas ou brancas, incensos florais e uma planta aquática.

3.4. CAAPORA/ CAIPORA

Sobre a deidade Caipora, Costa (2013), apresenta o mito em sua versão masculina, como um índio guardião dos animais e da floresta, que cavalga porcos do mato e persegue caçadores e aqueles que destroem a mata. Ele explica, que este também é representado como uma cabocla de cabelos escuros, que pode oferecer caça e favores sexuais em troca de fumo. Diz a lenda que todos aqueles que fizeram a oferenda à Caipora, ao voltar para procura-las, jamais a encontraram.

Segundo Ceridwen (2003), se tratam de dois mitos, o do Caipora, e um mais antigo que fala da Caapora, uma mulher selvagem, protetora dos animais, que percorre nua pela floresta montada em seu porco do mato, protegendo os animais de caçadores, principalmente as fêmeas grávidas. Ela anda acompanhada por uma horda de animais selvagens como onças, pacas, capivaras, tamanduás e micos. Diz a lenda que se a Caapora, encontra caçadores que mataram além do necessário para matar a fome, ela ressuscita o animal para que ele corra atrás do seu caçador.

Figura 7: Caipora/ Caapora



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/720716746600133317>

Ceridwen (2003), conta que esta deidade é conhecida na Wicca mundial como Senhora das Feras, preservadora da vida selvagem e controladora das caças, podendo ser comparada a Ártemis, Diana e Rhiannon por seus atributos. A autora, destaca que a conexão com a Caapora é uma forma de resgatar a mulher selvagem que existe dentro de nós, e de aprender a sentir o espírito de todas as coisas vivas na natureza. Para seu ritual, utilizam-se toalhas verdes ou em tons terrosos, representações de animais, velas verdes, essência de almíscar, folhas de mangueira, e se possível, pelos de porco do mato.

3.5. CEUCY

Para contar a lenda de Ceucy, utilizou-se o livro Vasos Sagrados (2010), de Maria Inez do Espírito Santo, no qual é relatado que Ceucy era filha de Tupã e Yuácacy, mãe do céu. Uma vez ao descer a terra, tomou conta do corpo de uma índia adormecida, assim tornando a mais

bela e mais esperta da aldeia. Seus encantos eram tão fortes que calavam o uirapuru no meio do canto e fazia tremer o arco do melhor dos guerreiros. Ceucy atendia a todos que a procuravam, protegia os índios da aldeia e ressuscitava animais, uma vez enquanto colhia frutos, se deparou com uma árvore de cucura do mato e começou a come-los, o caldo da frutinha escorreu pelo seu corpo, adentrando em suas partes femininas, emprenhando a virgem Ceucy. Devido a sua situação, a índia foi desterrada e mandada para a serra Canuké, onde deu à luz a Jurupari.

Figura 8: Ceucy



Fonte:
<https://twitter.com/cacocardassi/status/1095056590493941765?lang=gl>

Ceridwen (2003), conta outras versões do mito da Ceucy/ Seucy, ela descreve uma lenda na qual um desrespeitador de mulheres, encontra com uma moça bonita que se banhava ao luar e a abusa contra sua vontade, dos seus olhos escorreram lágrimas que subiram aos céus e viraram chuva. Ao amanhecer, ela o castiga queimando sua pele e se identifica como Seucy,

Filha da Lua e Mãe das Plantas. Segundo a autora, Seucy também pode ser identificada como a constelação das Plêiades.

Outra versão apresentada, é lenda, que conta que “as Plêiades geraram a Seucy da Terra, que ao banhar-se nas águas de um lago, onde se avistavam refletidas as estrelas, engravidou, dando à luz a um herói civilizador chamado Jurupari”, cuja o mito marca a mitologia de vários povos indígenas. A autora também apresenta a versão na qual Jurupari nasceu de uma concepção gerada pelo sumo de fruta, cuja o caldo engravidou Seucy. Segundo outra lenda, Jurupari desceu a terra para buscar uma esposa para o Sol e livrar os homens dos domínios das mulheres, assim iniciando uma perseguição que não poupou nem a mãe de Jurupari. Seucy foi transformada em pedra e depois subiu aos céus assumindo a forma da constelação conhecida como Plêiades.

Ceridwen (2003), explica que Seucy é uma deusa que sofre abuso e se vinga, que em sua face de Filha da Lua e Mãe das Plantas, pode ajudar com conhecimentos relacionados á flora e emprego mágico de plantas, e que em sua face de Senhora das Plêiades, a Deusa ensina sobre viajar ás estrelas, ampliando nossos horizontes e aspirações. Outra forma de enxergar Seucy, é pela representação da Mãe que gera o filho, importante para resgatar um universo no qual o sagrado feminino e as mulheres eram respeitadas. Para seu ritual, são utilizadas, toalhas na cor azul marinho com a constelação das Plêiades pintada, palha, imagem da Lua, velas prata, folhas de jaborandi ou pata de vaca ou eucalipto, vinho tinto e óleo de copaíba.

3.6. OLHAR ICONOGRÁFICO E ICONOLÓGICO

Com o objetivo de identificar as simbologias relacionadas a estes mitos, aplicou-se o método de análise iconográfica e iconológica proposta por Erwin Panofsky (2004), no qual ele faz a distinção de três tipos de classificação: a Pré-iconográfica, que trata dos aspectos mais naturais e mais fáceis de serem identificados pois se tratam da forma e dos pontos explícitos do objeto analisado; a iconográfica, que abrange os significados convencionados a esse objeto; e a iconológica, que parte para uma análise muito mais profunda, que vai além do objeto em si e permeia contextos culturais, históricos, sociais, entre outros.

Para uma melhor esquematização do método de Panofsky, foi criado um quadro com as deidades que serão trabalhadas como inspiração, nas quais foram analisados os contos e a

representação que essas deusas possuíam dentro do paganismo, assim como seus aspectos pré-iconológico, iconográfico e iconológico.

	PRÉ- ICONOGRÁFICA	ICONOGRÁFICA	ICONOLÓGICA
MATINTA PERERA	Vaga pela noite, assobio assustador, bruxa que vira bicho, velha/pássaro, cabelos despenteados e compridos.	Velha sábia, educadora de crianças malcriadas, feiticeira misteriosa	Face anciã da Deusa, transformada em bruxa assustadora, representa a função educadora, disciplinadora, que pode assustar e cobrar lições
COBRA GRANDE	Cobra de um tamanho monstruoso, ser místico, suas escamas refletem o luar, afunda barcos, cobra de fogo.	Temida na floresta, seus rastros tornam-se igarapés, podendo ser o próprio rio.	Mãe do Rio, criadora e destruidora.
VITÓRIA RÉGIA	Flores rosas e delicadas, grandes folhas verdes e redondas, espinhos, textura/nervuras, luz da lua refletida na água	Donzela apaixonada pela lua, renascimento como uma flor	Amor platônico, processo de morte e renascimento, autoconhecimento através do espelho lunar
CAIPORA	Cabocla de cabelos longos, mulher selvagem, percorre nua pela mata, monta um porco do mato, protege a floresta e os animais	Protetora da floresta e dos animais selvagens, senhora das feras e das caças	Conexão com o lado selvagem, com a mata, instinto protetor e vingativo
CEUCY	Mãe de jurupari, representa a constelação das plêiades, índia virgem que comeu o fruto proibido	Mãe protetora, personificação da constelação das Plêiades, as vezes é vista como uma velha sempre com fome	Personificação dos nossos medos, resgate da conexão com a mãe das estrelas

4. PROJETO DA COLEÇÃO

4.1. PESQUISA

Nesta etapa, será desenvolvida a pesquisa em moda, de acordo com a metodologia proposta Doris Treptow (2013), porém, adaptando para a realidade do tema deste trabalho, serão realizadas apenas: pesquisa de comportamento, para entender o público alvo e seus interesses; pesquisa comparativa de mercado, analisando produtos similares que sirvam de base para o desenvolvimento da mini coleção; e pesquisa de tendências, para buscar informações relevantes para inspirações e direcionamentos das especificações da coleção.

4.1.1. Pesquisa de Comportamento

Treptow (2013), cita Seivewright, que considera fundamental a observação de mudanças globais e tendencias sociais para entender um mercado alvo e os interesses do consumidor, como lugares que sejam frequentados por este público, seus temas de interesse, e os ídolos que servem de inspiração para o grupo.

Assim sendo, foi realizado entrevista com Wiccanianos que praticam o Sagrado feminino, com o objetivo de descobrir seus hábitos e interesses. Durante a entrevista, Raíssa Ferreira Costa, de nome sacerdotal Mãe D'Água, contou um pouco sobre sua experiência com o sagrado feminino na Wicca, relatou seu interesse na reconexão com a ancestralidade e sobre seu trabalho com plantas, ervas e ginecologia natural, e também contou das suas experiências com os relatos e imaginários da Cobra Grande e Matinta Perera. A sacerdotess Danna Myr, de nome civil Miriam Carvalho, contou que o sagrado representa uma conexão com a sua natureza sagrada e permite reflexões acerca de amadurecimento e crescimento pessoal. O sangue, mais precisamente o menstrual, parece estar bem ligado à prática dessas mulheres, simbolizando seu empoderamento através e o resgate daquilo que foi banalizando e tratado como sujo por muito tempo.

Quando questionadas sobre símbolos de expressão e identificação entre estes praticantes, foi muito destacado vegetação, plantas, roupas leves para realizarem seus rituais, cores com significados, panos leves para sobreposição flores, símbolos relacionados à natureza, roupas pretas e vermelhas, representação das fases lunares, de úteros, mandalas, muitos

adereços, pedras, cristais, elementos com amarração, materiais naturais e artesanais, elementos de culturais originárias, como a palha, argila, sementes, roupas que permitam conforto e liberdade.

Com o objetivo de criar uma unidade e sintetizar todas as informações coletadas, optou-se por desenvolver um painel para a representação do comportamento deste público.

Figura 9: Painel representativo de comportamento.



Fonte: Pinterest, adaptado pela autora, 2019.

4.1.2. Pesquisa Comparativa de Mercado

Treptow (2013) defende que a pesquisa acerca da concorrência, além de oferecer bases de comparação para preços e estratégias, pode fornecer também a possibilidade de diferenciação através do desenvolvimento de produtos com mais qualidade e preços mais atraentes. Sendo assim, após os dados coletados durante a pesquisa comportamental, considera-se necessária uma investigação acerca de produtos com propostas similares a desta coleção, para a obtenção de inspirações e até mesmo direcionamento para a especificações da mesma.

A primeira marca pesquisada, é a FARM, uma marca carioca que é conhecida pelas roupas serem inspiradas em elementos da natureza, que são expressos nas peças de diferentes

formas, sendo através de cores, texturas ou estampas. A marca também possui uma característica muito forte de produzir roupas em tecidos leves, soltas e que proporcionam conforto e liberdade.

Figura 10: FARM.



Fonte: <https://www.farmrio.com.br/>, adaptado pela autora, 2019.

A segunda marca observada é a Loja Kaxamana, por trazer um estilo muito presente entre os praticantes do sagrado feminino, saias e vestidos estampados, soltos e confortáveis, além de estampas com mandalas e grafismos coloridos.

Figura 11: Loja Kaxamana.



Fonte: <https://loja.kaxamana.com.br/>, adaptado pela autora, 2019.

A terceira fonte de pesquisa são as roupas assinadas pela grife Gucci, para a turnê da cantora Florence Welch. O diretor criativo transmite como ninguém todo o simbolismo e poesia relacionados à cantora, o resultado são vestidos extremamente soltos, leves e que causam lindos efeitos visuais quando em movimento.

Figura 12: Gucci para Florence Welch.



Fonte: Pinterest, adaptado pela autora, 2019.

A última observação, foi realizada na coleção de 2017 da estilista Paula Raia, que teve como temática o Sagrado Feminino. A coleção é composta por vestidos em tons de rosa e nude, e foi toda produzida com a utilização de tecidos naturais.

Figura 13: Coleção inspirada no sagrado feminino.



Fonte: <https://vogue.globo.com/desfiles-moda/noticia/2017/08/paula-raia-celebra-o-sagrado-feminino-em-nova-colecao.html>

Portanto, pode-se perceber alguns padrões nas roupas dessas quatro marcas observadas, como fluidez e utilização de tecidos leves. Estas informações serão consideradas na fase de geração de alternativas.

4.1.3. Pesquisa de Tendências

Para a pesquisa de tendências, foi trilhado o processo inverso, por ter o tema da coleção já definido. E como sugerido por Treptow (2013), neste seguimento, o designer deve executar a pesquisa de maneira seletiva, se restringindo apenas a referências já identificadas no tema. A autora também defende que com uma observação mais apurada, é possível durante a pesquisa identificar elementos de estilo que apareçam com mais frequência, como: tipos de tecido, estamparia, cartela de cores, etc.

Desde o início desta década, é possível perceber o crescimento de pessoas com sentimentos de escapismo – vontade de fugir da sua realidade – e de nostalgia, resgatando seu passado e ancestralidade. Aliando isto ao crescimento da busca da mulher do século XXI pelo empoderamento e representação na sociedade, percebe-se a influência das “bruxas modernas” na moda, em filmes, séries, músicas e coleções, nos quais refletem esse conceito naturalista, com a valorização do feminino e dos elementos da natureza.

Outro estilo que vem marcando a segunda metade da década, são os das “bruxas urbanas” que contam com saias e vestidos longos, chapéus, pentagramas e muito preto. Esta tendência ganhou mais destaque com a chegada da temporada “*Coven*”, da série *American Horror Story*, que tratava dessa temática de bruxaria. Essa tendência marcou tanto, que chegou forte nas passarelas internacionais de Milão, Paris, Londres e Nova York em 2016, e ainda, foi tema para coleções da Gucci, Dior, Valentino, Coach, Saint Laurent, entre outras,



Fonte: <https://www.lilianpacce.com.br/moda/clima-de-bruxaria-na-temporada-internacional/>

Uma outra vertente identificada, foi a do estilo *Boho*, que mistura elementos ciganos e hippies. Este seguimento, foi muito influenciado pela versão *boho* dos anos 70, muito empregada por cantoras como Kate Bush e Stevie Nicks, que abertamente bruxa, expressa suas crenças em roupas e nas suas músicas. Atualmente, essa influência é revisitada e muito encontrada em festivais de música.

Figura 16: Painel do Estilo *Boho* nos anos 70 e atualmente.



Fonte: Pinterest, adaptado pela autora, 2019.

Para o site da revista Marie Claire, a consultora de moda e stylist, Jenniffer Nocetti, contou que:

A bruxaria e o místico no mundo fashion têm a ver com a atual necessidade de reconexão com a nossa fé e com o nosso passado. Revisita um lugar onde a mulher tinha o poder nas suas mãos. Assim como uma bordadeira faz seu encanto em uma peça de roupa, hoje fazemos das linhas uma obra de arte, uma magia. (apud JENNIFFER NOCETTI, matéria publicada em 30/09/2019).

Fazendo um paralelo dos dados encontrados a partir deste estilo específico com as tendências gerais para 2019, pode-se notar que algumas semelhanças. De acordo com o site O Look, detalhes com nós, amarração, acessórios feitos de palha, estampas tropicais, babados,

decotes ciganinha e roupas com tecidos feitos de linho são tendências para 2019. Com relação a cor, a Pantone nomeou a *Living Coral* como cor do ano, e também, lançou a paleta Primavera-Verão de 2019/1020, com cores vivas em contraste de tons pasteis e tons mais fortes. Segundo o site da revista Vogue, outra aposta para o ano de 2019, são os tons terrosos, além de vestidos de crochê, amarrações e echarpes, resgatando novamente ao visual dos anos 70.

Figura 17: Painel de tendências gerais para 2019.



Fonte: <https://olook.com.br/looks-de-verao/>, <https://vogue.globo.com/moda/moda-tendencias/noticia/2019/01/9-tendencias-de-moda-que-vao-reinar-em-2019.html>, adaptado pela autora, 2019.

Figura 18: Paleta de cores Primavera-Verão 2019/ 2020.



Fonte: <https://olook.com.br/looks-de-verao/>.

Com as informações coletadas na pesquisa de tendências, e com a análise dos painéis apresentados acima, pôde-se identificar estilos, texturas, cortes de roupas, paleta de cores, que são direcionados para o público em geral e para simpatizantes da bruxaria e do sagrado feminino. Estas informações servirão de inspiração e serão adaptadas para a realidade do público alvo local e para a realidade da região amazônica.

4.2. DESIGN

4.2.1. Inspiração

Nesta etapa, serão desenvolvidos os painéis de inspiração, de acordo com a metodologia de criatividade sugerida por Mike Baxter (2000). O procedimento adotado, consiste na criação de três painéis: - Painel de Estilo de Vida, para retratar os valores e o estilo dos futuros consumidores deste produto, assim como outros objetos também utilizados pelos mesmos; - Painel Expressão do Produto, no qual é expressado a emoção que o produto deve transmitir, evitando imagens de produtos características semelhantes e priorizando um sentimento geral a ser transmitido; e por fim, - Painel de Tema Visual, que deve retratar produtos que estejam de acordo com o espírito do novo produto, que servirão de inspiração para o mesmo, e transmitindo o que deve ser alcançado, podendo ser objetos de diferentes funções e setores.

Figura 19: Painel do Estilo de Vida.



Fonte: Pinterest, adaptado pela autora, 2019.

Figura 20: Painel de Expressão do Produto.



Fonte: Pinterest, adaptado pela autora, 2019.

Os seguintes painéis, foram desenvolvidos individualmente para cada uma das cinco deidades trabalhadas, tendo em vista que cada uma delas, gerará um produto para a minicoleção. Sendo assim, os painéis se mostram essenciais fontes de inspiração para croquis, paleta de cores, e especificações das peças.

Figura 21: Painel Matinta Perera.



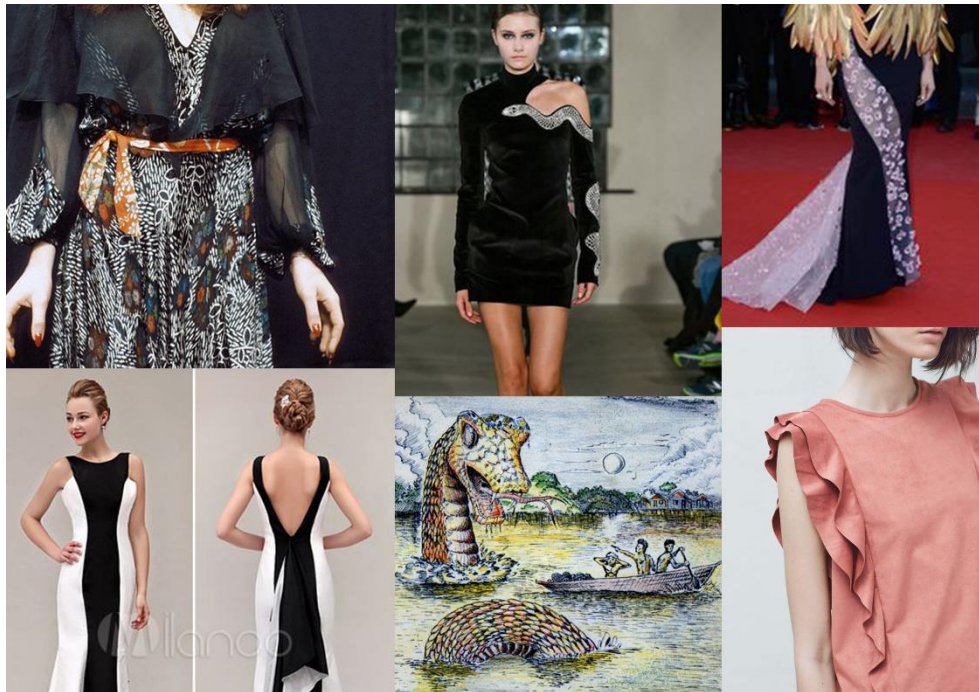
Fonte: Pinterest, adaptado pela autora, 2019.

Figura 22: Painel Vitória Régia.



Fonte: Pinterest, adaptado pela autora, 2019.

Figura 23: Painél Cobra Grande



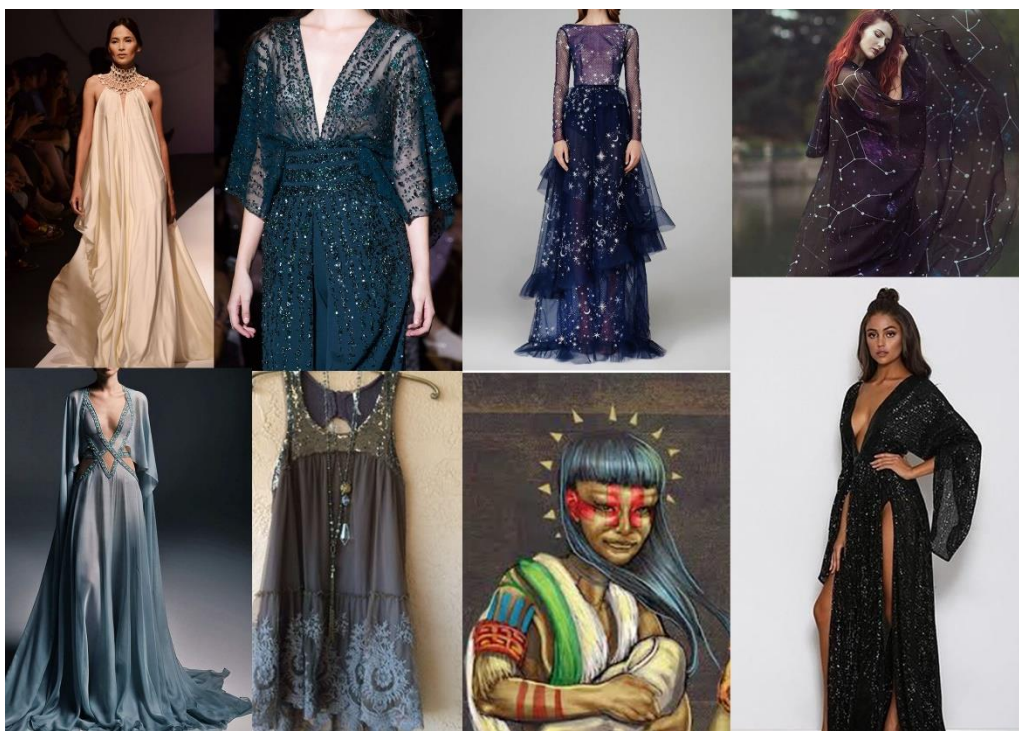
Fonte: Pinterest, adaptado pela autora, 2019.

Figura 24: Painei Caipora/ Caapora.



Fonte: Pinterest, adaptado pela autora, 2019.

Figura 25: Painei Ceucy.

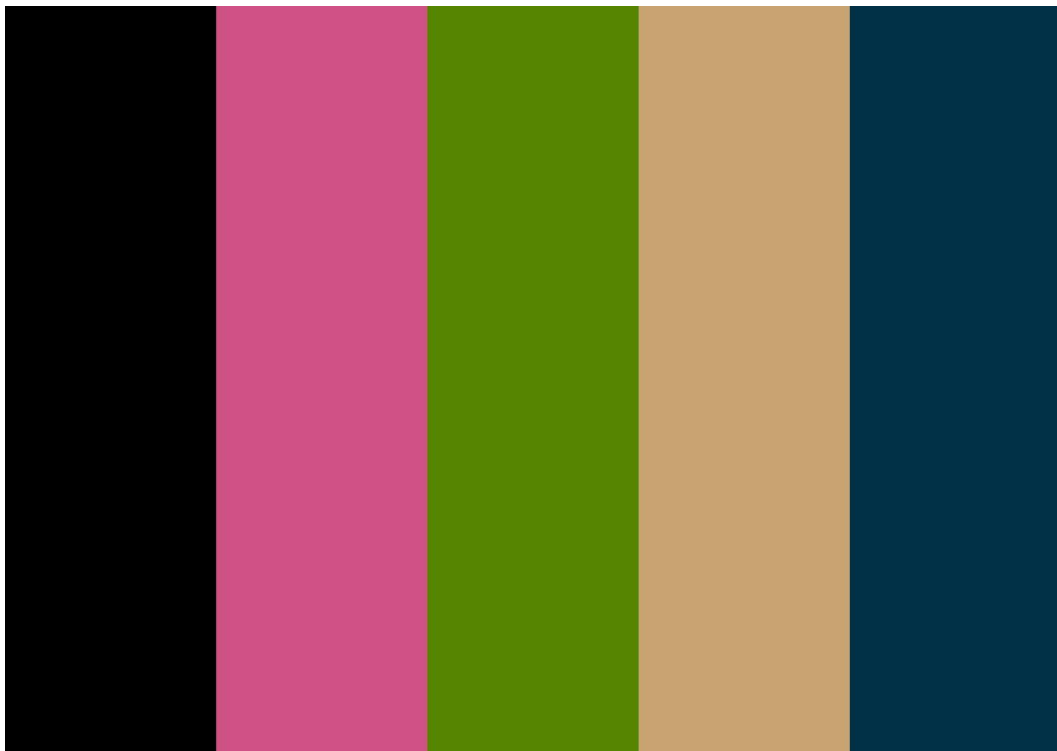


Fonte: Pinterest, adaptado pela autora, 2019.

4.2.2. Cores

Para a definição da paleta de cores da coleção, levou-se em consideração as cores apontadas durante a entrevista realizadas com as sacerdotisas, relacionadas aos elementos da natureza, e também, as cores relacionadas ao mito de cada deidade. Escolheu-se: a cor preta, para simbolizar o mistério e a noite; o verde, para retratar o verde das matas; um bege terroso para representar a terra e as águas amazônicas; o azul para simbolizar os céus; e o rosa, para transmitir as cores das flores e frutos.

Figura 26: Paleta de cores da coleção.



Fonte: Autora, 2019.

Vale ressaltar, que a paleta acima serviu de base, e a partir dela foram buscados materiais em cores semelhantes, por este motivo, existe a possibilidades de ocorrer pequenas variações nos tons das peças finais.

4.2.3. Desenhos

Após a definição da paleta de cores, foram desenvolvidos os croquis iniciais da coleção, os quais tiveram como inspiração o painel iconológico/iconográfico, e os painéis individuais de cada deidade. Foram geradas propostas que expressassem aspectos dos mitos trabalhados, sendo de maneira estética ou conceitual.

Figura 27: Croquis da Matinta Perera.



Fonte: Autora, 2019.

Em relação às propostas criadas para o mito da Matinta Perera, optou-se por tons fechados para preservar todo o mistério e obscuridade atribuídos a ela. Também fizeram parte da composição, sobreposições e mangas largas para simbolizarem seu fardo e sua dualidade entre mulher e pássaro, respectivamente.

Figura 28: Croqui Vitória Régia.



Fonte: Autora, 2019.

A respeito dos croquis gerados para a Vitória Régia, procurou-se refletir o seu principal símbolo, a planta, através das suas cores e de alguns detalhes de acabamento. Além disso, foram trabalhadas peças com estilo romântico para fazer referência ao conceito presente no mito e na deidade em questão.

Figura 29: Croquis da Cobra Grande.



Fonte: Autora, 2019.

Sobre os croquis da Cobra Grande, foram geradas soluções que expressassem os aspectos da cobra ser o próprio rio, por este motivo, as peças possuem detalhes de bastante sinuosidade. Ainda, foi empregado a dualidade entre criação e destruição através do contraste entre um bege claro e o preto.

Figura 30: Caapora/ Caipora.



Fonte: Autora, 2019.

Para a deidade Caapora/ Caipora, foram geradas alternativas que expressassem o caráter informal e selvagem atribuídos à deidade. E também, foi levado em conta as cores relacionadas à deusa e ao seu ritual, no caso, o verde e os tons terrosos, que ainda podem ser atribuídos à relação da Caapora com as matas e a terra.

Figura 31: Croqui Ceucy.



Fonte: Autora, 2019.

E por fim, as alternativas criadas para a Ceucy, foram pensadas para fazer referência à forma como é descrita a concepção de Jurupari, por este motivo, foi representado o trajeto do fruto no corpo da deusa, simbolicamente através dos detalhes em rosa, além da cor azul, para representar a sua relação com os céus.

4.2.4. Definições da coleção

A partir das alternativas criadas anteriormente, foram selecionadas as cinco peças que melhor expressavam os aspectos desejados. Em seguida, foram feitos desenhos assistidos por computador para auxiliar na representação dessas peças, com pequenas adaptações em algumas

das roupas, para uma melhor composição estética. Com isso, as disposições finais foram definidas e apresentadas nas seguintes imagens:

Figura 32: Arte final da peça Matinta Perera.



Fonte: Autora, 2019.

Figura 33: Arte final da peça Vitória Régia.



Fonte: Autora, 2019.

Figura 34: Arte final da peça Cobra Grande.



Fonte: Autora, 2019.

Figura 35: Croqui da peça Caapora/ Caipora.



Fonte: Autora, 2019.

Figura 36: Arte final da peça Ceucy.



Fonte: Autora, 2019.

Fica definido, que a mini-coleção intitulada Deusas Brasileiras, é composta por 5 looks, que são distribuídos em 4 vestidos, 1 saia e 1 top. Esta composição corresponde com os padrões de vestimenta apontados durante a entrevista realizada, na qual foram descritas como principais peças de vestimenta os vestidos e saias.

Figura 37: Peças da Coleção Deusas Brasileiras.



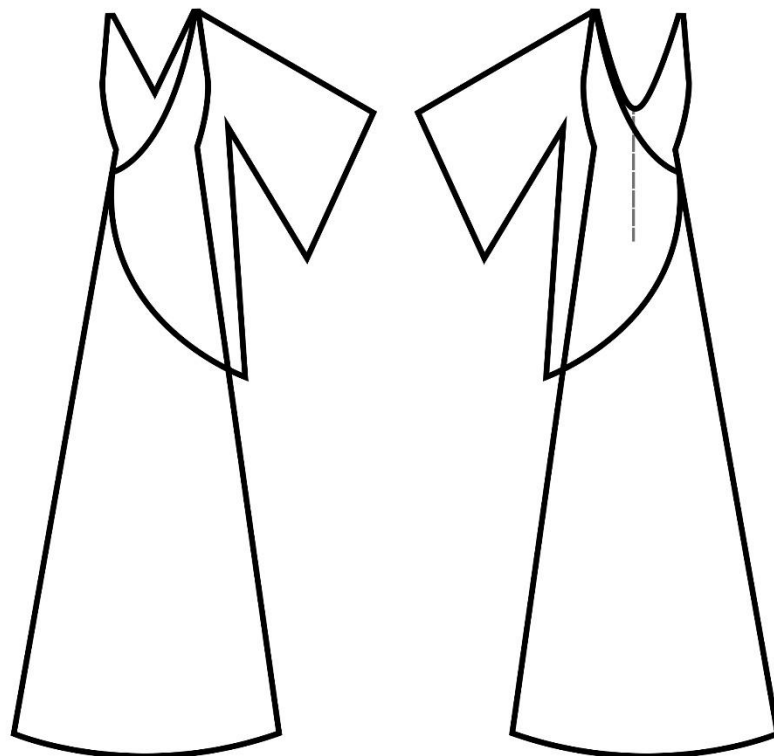
Fonte: Autora, 2019.

4.2.5. Fichas Técnicas

Além dos desenhos assistidos por computador, foram realizadas as fichas técnicas de cada uma das peças, que segundo Treptow (2013), é o documento descritivo que deve conter as principais informações e especificações da peça, como nome e descrição da peça, materiais utilizados, custos, etc.

Figura 38: Ficha técnica da peça Matinta Perera.

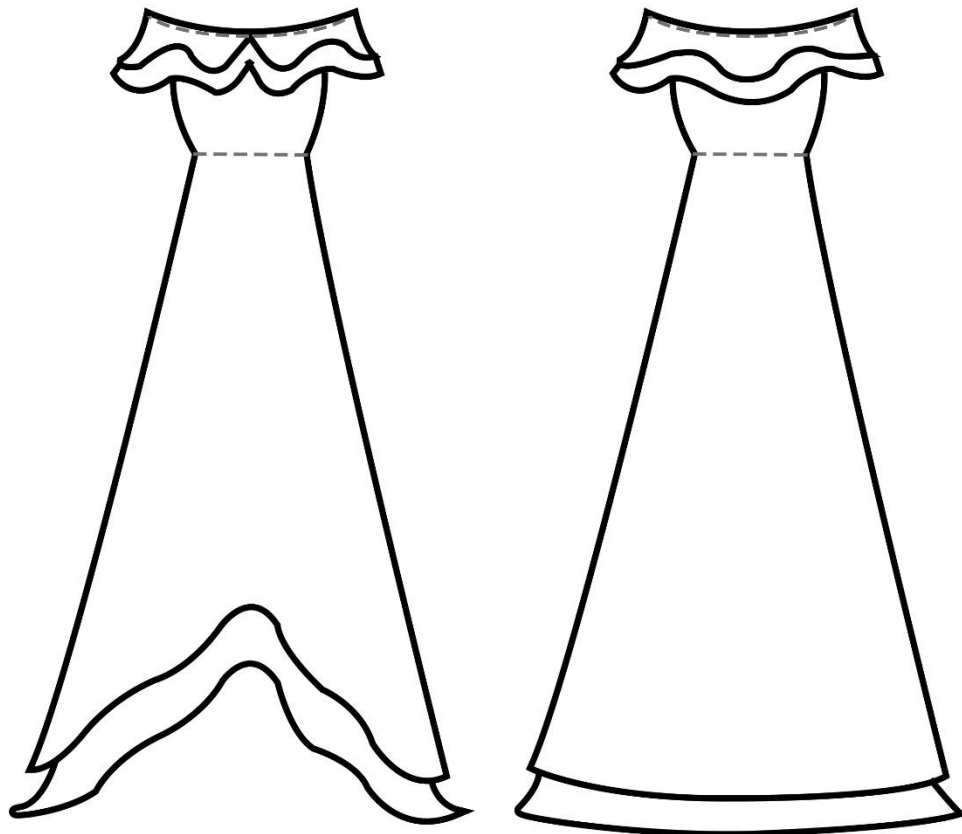
<i>Ficha Técnica</i>		
Peça: Matinta Perera	Coleção: Deusas Brasileiras	Designer: Ariadine Quadros
Descrição: Vestido longo preto com decote V na frente e na costa. Sobreposição de tudo bordado transpassado no corpo com manga morcego.		
Material: Tecido Crepe Georgete Preto e Tule bordado.	Confecção: Mônica Pinheiro e Eliseu Capela.	Custos: Material: R\$ 75,00. Mão de obra: R\$: 50,00.



Fonte: Autora, 2019.

Figura 39: Ficha técnica da peça Vitória Régia.

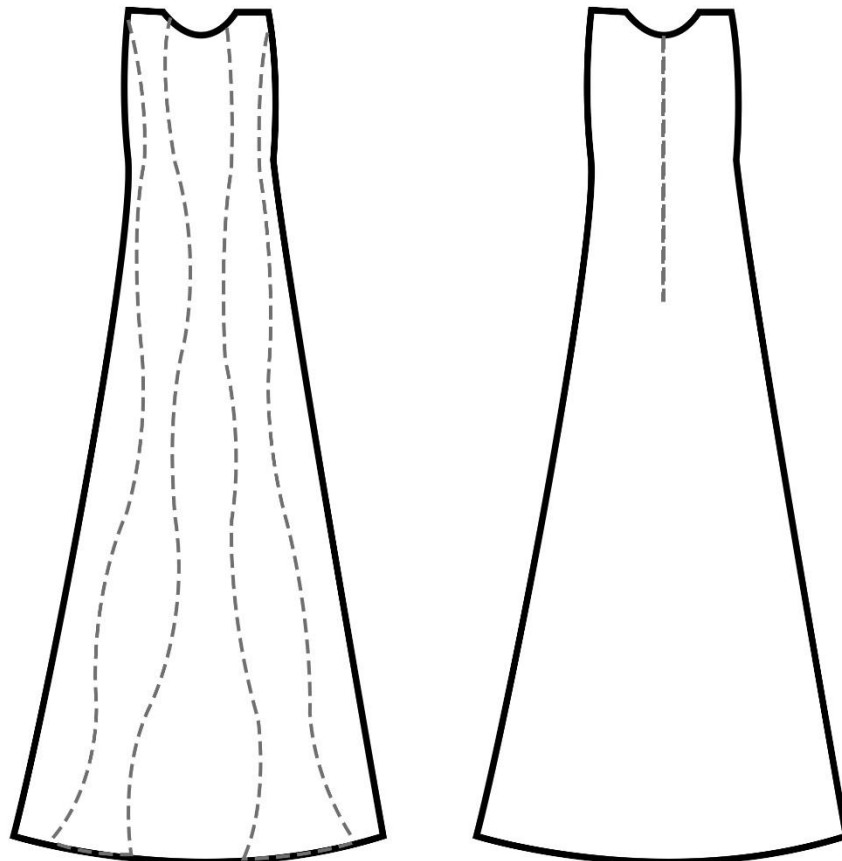
Ficha Técnica		
Peça: Vitória Régia	Coleção: Deusas Brasileiras	Designer: Ariadine Quadros
Descrição: Vestido verde ombro a ombro, solto com prensa na cintura, e com camadas inferiores na cor rosa.		
Material: Tecido cetim rosa e crepe Georgete verde.	Confeção: Mônica Pinheiro e Eliseu Capela.	Custos: Material: R\$ 46,00. Mão de obra: R\$: 50,00.



Fonte: Autora, 2019.

Figura 40: Ficha técnica da peça Cobra Grande.

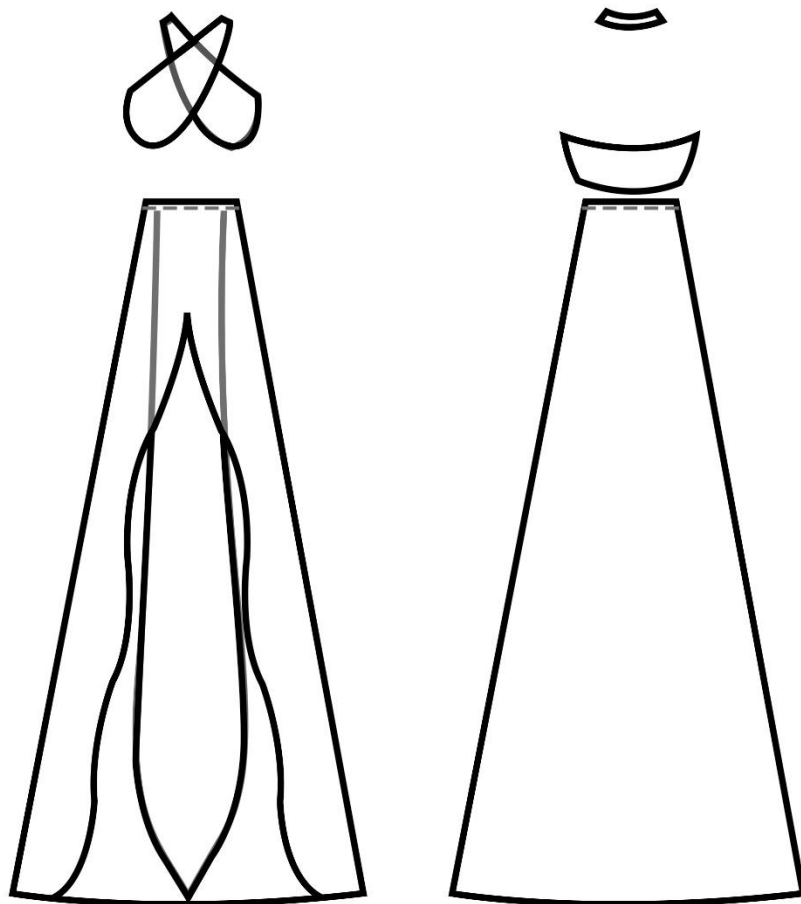
Ficha Técnica		
Peça: Cobra Grande	Coleção: Deusas Brasileiras	Designer: Ariadine Quadros
Descrição: Vestido solto preto com detalhe em formas sinuosas na parte frontal.		
Material: Tecido Crepe Georgete preto e tom terroso.	Confecção: Mônica Pinheiro e Eliseu Capela.	Custos: Material: R\$ 60,00. Mão de obra: R\$: 50,00.



Fonte: Autora, 2019.

Figura 41: Ficha Técnica da peça Caapora, Caipora.

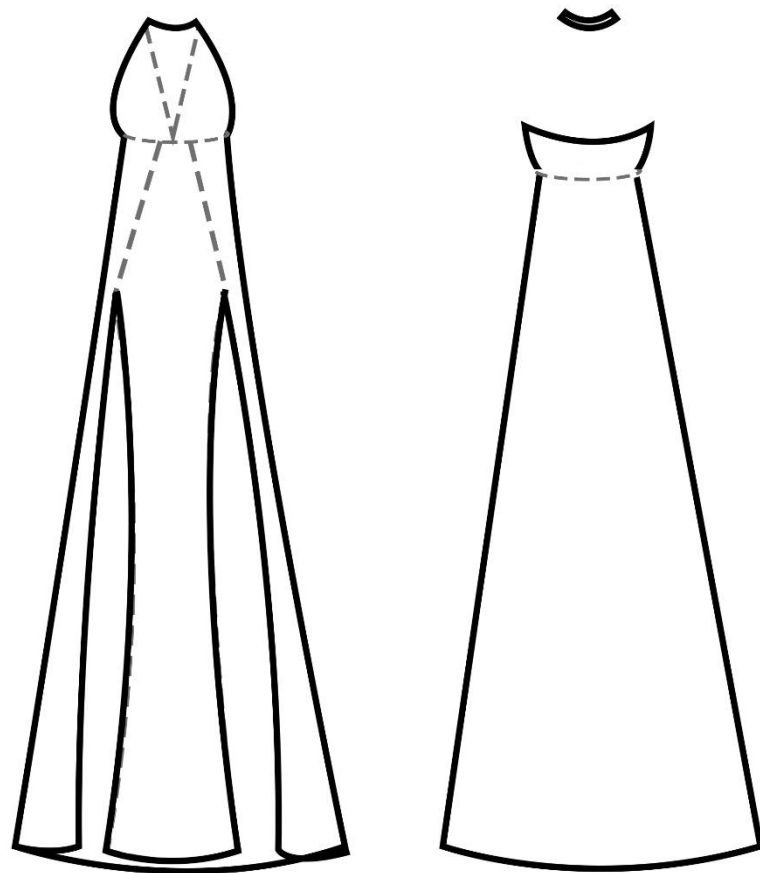
Ficha Técnica		
Peça: Caapora/ Caipora	Coleção: Deusas Brasileiras	Designer: Ariadine Quadros
Descrição: Top verde transpassado no corpo e saia em tom terroso com fenda e tira fontrais.		
Material: Tecido Crepe Georgete verde e tom terroso.	Confeção: Mônica Pinheiro e Eliseu Capela.	Custos: Material: R\$ 75,00. Mão de obra: R\$: 50,00.



Fonte: Autora, 2019.

Figura 42: Ficha técnica da peça Ceucy.

Ficha Técnica		
Peça: Ceucy	Coleção: Deusas Brasileiras	Designer: Ariadine Quadros
Descrição: Vestido azul com duas fendas laterais e detalhe no busto e na parte frontal na cor rosa.		
Material: Tecido cetim azul e rosa.	Confeção: Mônica Pinheiro e Eliseu Capela.	Custos: Material: R\$ 32,00. Mão de obra:



Fonte: Autora, 2019.

4.3. DESENVOLVIMENTO

4.3.1. Confeção

A partir da definição da coleção e das fichas técnicas, seguiu-se para a etapa da confecção das peças. Nesta etapa, iniciou-se com as pesquisas em lojas de decidos, em busca de materiais que se assemelhassem nas cores da paleta da coleção e que tivessem o caimento ideal para as peças escolhidas.

Figura 43: Alguns dos tecidos escolhidos para a coleção.



Fonte: Autora, 2019.

Após a escolha dos tecidos crepe Georgete nas cores verde, bege e preto, cetim rosa e azul, e ainda, tule bordado preto para a sobreposição da peça Matinta. Posteriormente, foi tirado as medidas necessárias para a produção das roupas, diretamente do corpo das modelos que irão vestir as peças. Em seguida, contratou-se o trabalho de dois costureiros para a etapa de

confecção, os quais utilizaram a modelagem plana como forma de produção, na qual os modelos são traçados sobre papel de acordo com as medidas coletadas.

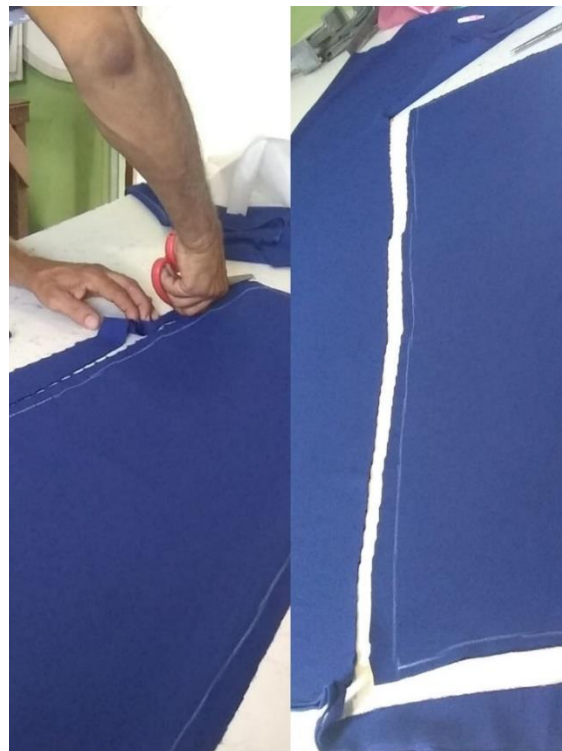
Figura 44: Modelagem da peça Matinta Perera.



Fonte: Mônica Pinheiro, 2019.

Posteriormente, foram realizados os cortes e a montagem das peças, com pequenas adaptações para um melhor acabamento e caimento no corpo.

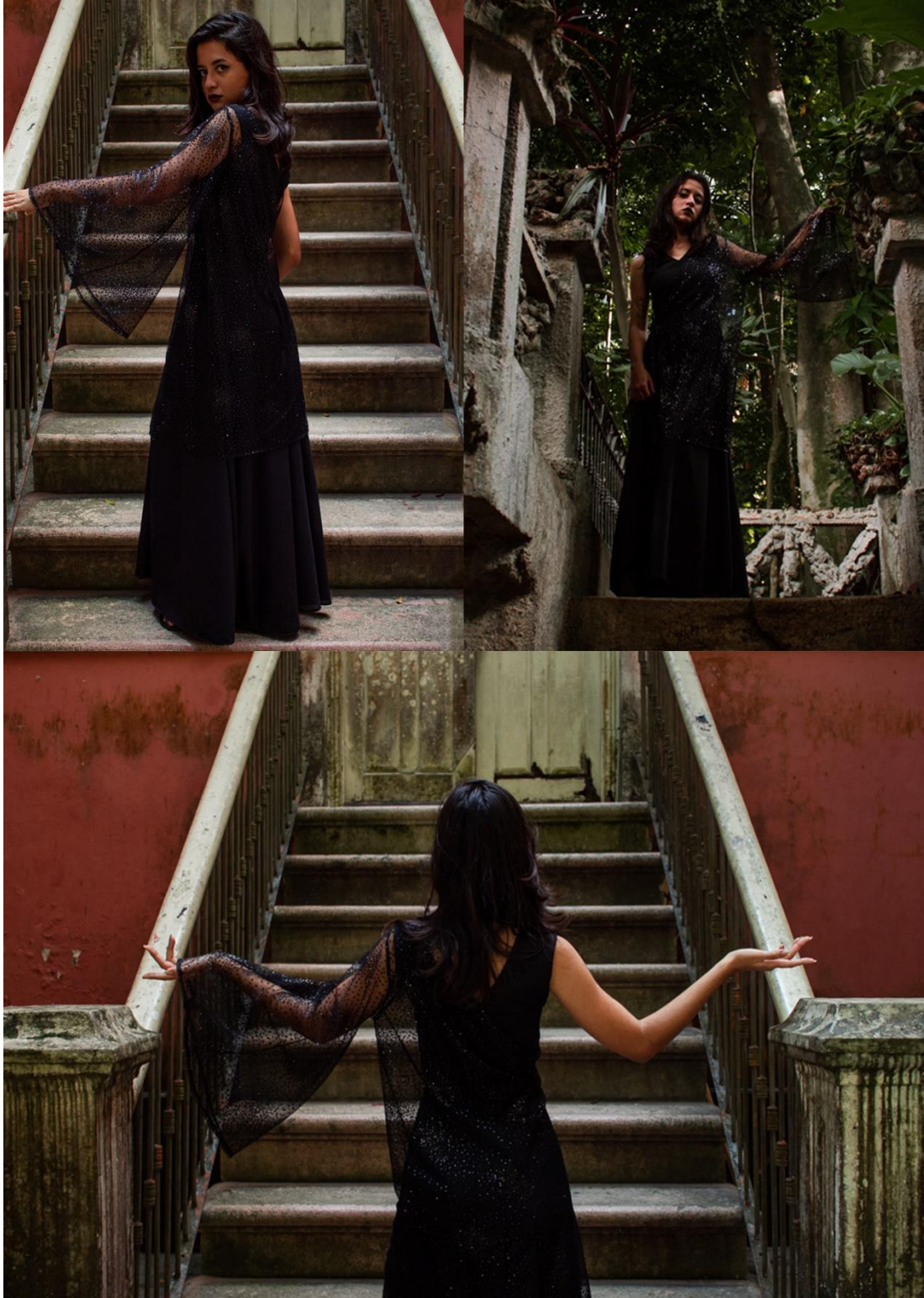
Figura 45: Corte e montagem da peça Ceucy.



Fonte: Mônica Pinheiro, 2019.

4.3.2. Apresentação das peças

Figura 46: Look Matinta Perera.



Fonte: Paula Peres, 2019.

Figura 47: Look Cobra Grande.



Fonte: Paula Peres, 2019.

Figura 48: Look Vitória Régia.



Fonte: Paula Peres, 2019.

Figura 49: Look Caapora/ Caipora.



Fonte: Paula Peres, 2019.

Figura 50: Look Ceucy.



Fonte: Paula Peres, 2019.

Figura 51: Deusas Brasileiras



Fonte: Paula Peres, 2019.

Figura 52: Deusas Brasileiras



Fonte: Paula Peres, 2019.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa partiu da oportunidade de trabalhar um dos segmentos do conceito de sagrado feminino, que vem ganhando cada vez mais relevância dentro do contexto social da mulher contemporânea, e sua busca por uma representatividade dentro do âmbito espiritual. Enxergou-se também, a necessidade de dar visibilidade aos grupos neopagãos que praticam o sagrado feminino na região amazônica, e ainda, fortalecer o cenário cultural local.

Tinha-se como objetivo principal, desenvolver uma coleção de moda inspirada no sagrado feminino dentro do contexto amazônico, o que foi atingido de maneira satisfatória através das peças de roupas desenvolvidas a partir da metodologia em projeto de moda e dos conceitos e simbologias coletadas nos mitos de cinco deusas brasileiras: Matinta Perera, Vitória Régia, Cobra Grande, Caipora e Ceucy. Foi buscado as bibliografias essenciais para o entendimento do tema, e também seguido de forma eficiente a metodologia de Treptow (2013), com apenas algumas pequenas adaptações para a realidade da pesquisa.

Outra importante meta, era a de traduzir nas roupas os conceitos e simbologias do sagrado feminino amazônico, o que também foi alcançado ao se incorporar nas peças criadas, os aspectos principais ou que mais chamaram a atenção dentro do mito de cada uma dessas deidades trabalhadas, desde cores utilizadas em rituais e formas simbólicas, até conceitos mais profundos e subjetivos como uma concepção extraordinária ou a dualidade entre criação e destruição. Confirmando assim, a hipótese de que uma mini-coleção de moda pode representar de maneira eficaz as simbologias encontradas nos mitos das deidades amazônicas, e ainda, servir como um objeto de reconhecimento tanto para quem cultua deidades femininas quanto para quem é apenas simpatizante da cultura regional.

Com relação ao trajeto percorrido até o alcance desses objetivos, enfrentou-se algumas adversidades. Como, o difícil acesso a materiais bibliográficos com conteúdo referentes a origem dos mitos e lendas do folclore local. Pode-se considerar ainda, que diante da metodologia proposta, poderia ter sido executado entrevistas com um número mais amplo de pessoas praticantes do sagrado feminino no cenário paraense, o que se tornou limitado devido a questões de tempo e disponibilidade, ainda que tenha sido possível coletar dados de extrema relevância para a pesquisa.

Espera-se que este trabalho abra portas ou estimule mais pesquisas semelhantes ao tema aqui trabalhado, pois foi apenas explorado uma das outras diversas possibilidades de se

fortalecer a cultura amazônica, que possui um imaginário de valor inestimável, cheio de personagens únicos que refletem muito das tradições dos povos originários brasileiros e das vivências e costumes dos ribeirinhos da Amazônia. Almeja-se que as mulheres paraenses se inspirem na força e essência das deidades aqui pesquisadas e nas outras diversas deusas brasileiras presentes no folclore, para a produção de projeto acadêmicos e de design trazendo representatividade e notoriedade para a nossa cultura.

6. REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maristela Oliveira de. **A Religiosidade Brasileira**: o pluralismo religioso, a diversidade de crenças e o processo sincrético. ISSN 1517-6916 CAOS - Revista Eletrônica de Ciências Sociais Número 14 – setembro de 2009. Pág. 106 – 118

AS 9 tendências de moda que vão reinar em 2019. **Vogue**, 2019. Disponível em: <<https://vogue.globo.com/moda/moda-tendencias/noticia/2019/01/9-tendencias-de-moda-que-vao-reinar-em-2019.html>>.

BAXTER, Mike. **Projeto de produto**: guia prático para o design de novos produtos. 3. ed. – São Paulo: Blucher, 2011.

BRANDT, Hermann. **Que implicam as palavras das Heilige ou “O Sagrado”?** Reflexões Interculturais linguísticas, religioso-científicas e teológicas por ocasião da tradução brasileira da obra Das Heilige [O Sagrado] de Rudolf Otto. Estudos Teológicos, ano 48, n. 1, p. 18-38, 2008.

BRUXA é o novo unicórnio. **Lilian Pacce**, 2017. Disponível em: <<https://www.lilianpacce.com.br/moda/bruxa-e-o-novo-unicornio/>>.

CAMPBELL, Joseph, 1904-1989. **Deusas**: os mistérios do divino feminino; editado por Safron Rossi; [tradução Tônia Van Acker] – São Paulo: Palas Athenas, 2015.

CARVALHAL, André. **Moda com propósito**: manifesto pela grande virada. –1ª Ed. – São Paulo: Paralela, 2016.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Tradução: Klauss Brandini Gerhardt.- São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, Dannyel Teles de. **Wicca e as Divindades Brasileiras**: O culto aos ancestrais na bruxaria. 26. Nov. 2012.

CERIDWEN, Mavesper Cy. **Wicca Brasil**: guia de rituais das deusas brasileiras- São Paulo: Gaia, 2003.

_____, Mavesper Cy. **Práticas de Wicca Brasil**: Saberes da Terra Brasilis. TDB, Tradição Diânica do Brasil - Brasília: Ed. 7Cores Design, 2014.

CLIMA de bruxaria na temporada internacional. **Lilian Pacce**, 2016. Disponível em: <<https://www.lilianpacce.com.br/moda/clima-de-bruxaria-na-temporada-internacional/>>.

CORDOVIL, Daniela. **Espiritualidades feministas**: Relações de gênero e padrões de família entre adeptos da wicca e do candomblé no Brasil. Revista Crítica de Ciências Sociais, 110, 117-140. Set. 2016.

ELIADE, Mircea. (1992). **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes.

FLETCHER, Kate. GROSE, Lynda. **Moda e Sustentabilidade, design para mudança**. Editora Senac. São Paulo, 2011.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1994.

GODART, Frédéric. **Sociologia na Moda**. Tradução: Lea P. Zylberlicht- São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

GUERREIRO, Silas. **Novos movimentos religiosos: o quadro brasileiro**. – São Paulo: Paulinas, 2006.

GUIMARÃES, Beatriz. Moda também é coisa de bruxa: conheça grifes que apostam no misticismo como tendência. **Marie Claire**, 2019. Disponível em: <<https://revistamarieclaire.globo.com/Canal-da-Bruxa/noticia/2019/08/moda-tambem-ecoisa-de-bruxa-conheca-grifes-que-apostam-no-misticismo-como-tendencia.html>>.

ÍNTIMO e pessoal: como Florence Welch adotou a personalização em seu figurino. **Vogue**, 2018. Disponível em: <<https://vogue.globo.com/moda/moda-news/noticia/2018/11/intimo-e-pessoal-como-florence-welch-adotou-personalizacao-em-seu-figurino.html>>.

LUZ, Letycia Valtrique da. SORATTO, Rafaela Bett. **Sagrado Feminino na Moda: um estudo de caso com as seguidoras da filosofia**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina, Santa Catarina, 2019.

MODA Primavera Verão 2019 / 2020: Looks que São Tendências Para Arrasar! **O Look**, 2019. Disponível em: <<https://olook.com.br/looks-de-verao/>>.

PANOFISKY, Erwin. **Significado nas Artes Visuais**. Tradução: Maria Clara F. Kneese e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2ª ed., 1986.

PAULA Raia celebra o sagrado feminino em nova coleção. **Vogue**, 2017. Disponível em: <<https://vogue.globo.com/desfiles-moda/noticia/2017/08/paula-raia-celebra-o-sagrado-feminino-em-nova-colecao.html>>.

ROUPAS místicas: As bruxas viraram tendência. **Modices**, 2011. Disponível em: <<https://www.modices.com.br/moda/roupas-misticas-bruxas-viraram-tendencia/>>.

SÃO Paulo Fashion Week se inspira na arte e exalta universo feminino. **Uol**, 2017. Disponível em: <<https://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/entretenimento/2017/08/28/sao-paulo-fashion-week-se-inspira-na-arte-e-exalta-universo-feminino.htm>>.

SANA. As bruxas estão soltas! (Witchy e o Boho Witch). **Moda das Subculturas**, 2015. Disponível em: <<http://www.modadesubculturas.com.br/2015/03/as-bruxas-estao-soltas-witchy-e-o-boho.html>>.

TREPTOW, Doris. **Inventando moda: planejamento de coleção**. 5 ed. São Paulo: Edição da Autora, 2013.

VIEIRA, Taís Borin. **Gênero e Religião:** Paganismo e o culto à deusa na contemporaneidade. 2011. 79. Dissertação de mestrado- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

APÊNDICE

APÊNDICE A- Fichas técnicas.

Ficha Técnica

Peça:

Matinta Perera

Coleção:

Deusas Brasileiras

Designer:

Ariadine Quadros

Descrição: Vestido longo preto com decote V na frente e na costa. Sobreposição de tudo bordado transpassado no corpo com manga morcego.

Material:

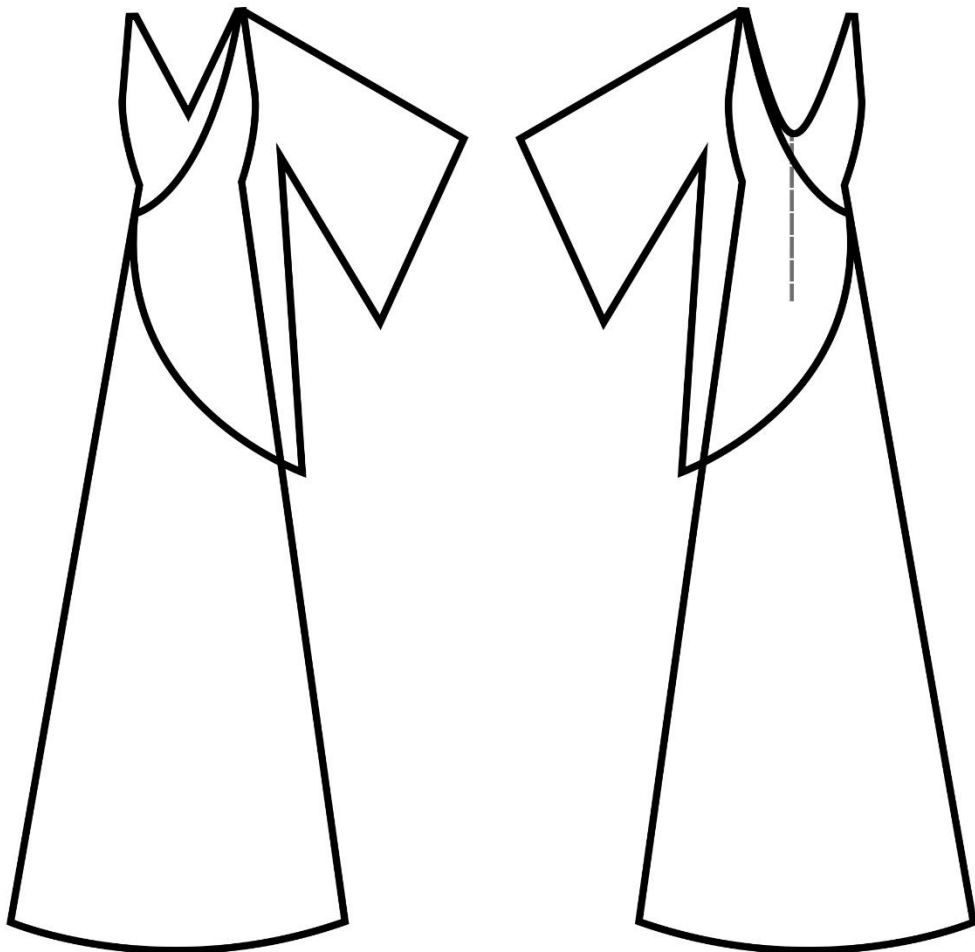
Tecido Crepe
Georgete Preto e
Tule bordado.

Confeção:

Mônica Pinheiro e
Eliseu Capela.

Custos:

Material: R\$ 75,00.
Mão de obra:
R\$: 50,00.



Ficha Técnica

Peça:
Vitória Régia

Coleção:
Deusas Brasileiras

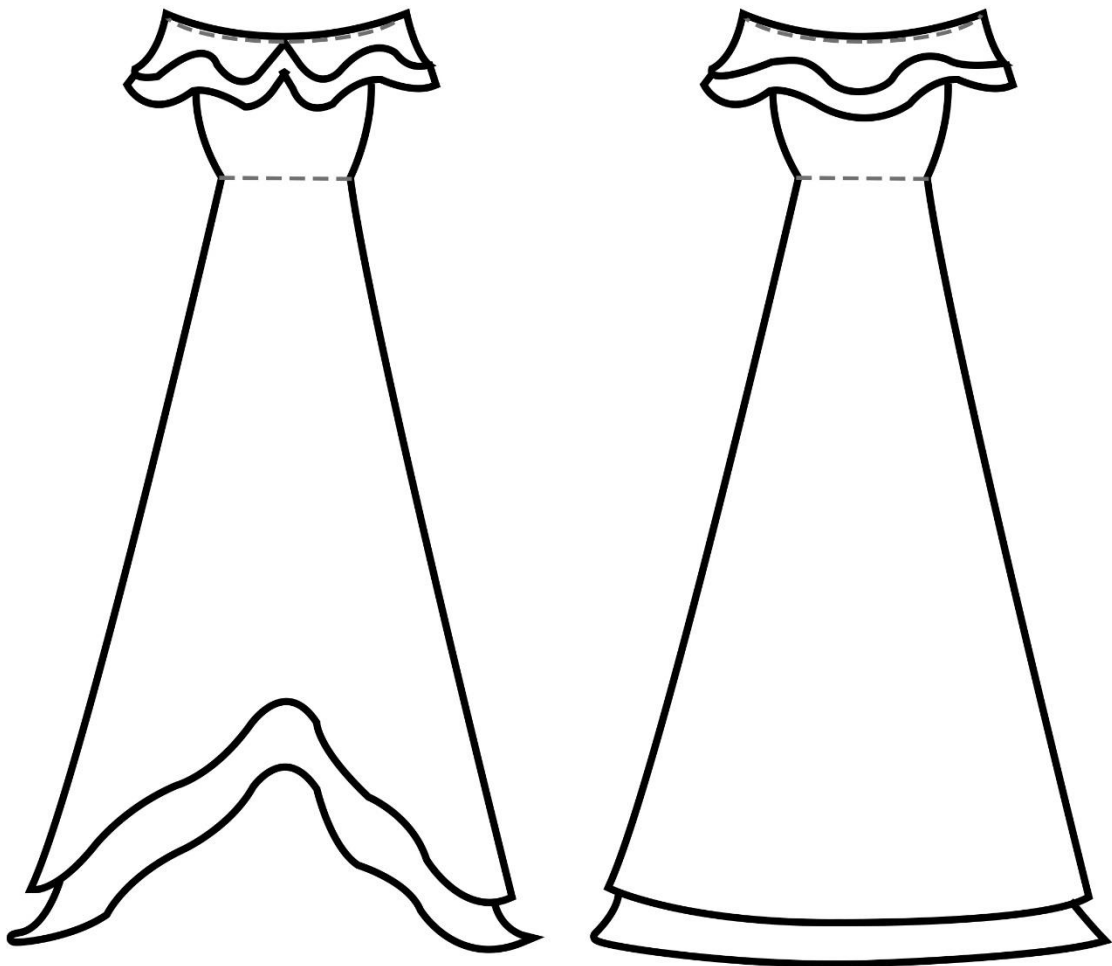
Designer:
Ariadine Quadros

Descrição: Vestido verde ombro a ombro, solto com prensa na cintura, e com camadas inferiores na cor rosa.

Material:
Tecido cetim rosa e crepe Georgete verde.

Confeção:
Mônica Pinheiro e Eliseu Capela.

Custos:
Material: R\$ 46,00.
Mão de obra: R\$ 50,00.



Ficha Técnica

Peça:
Cobra Grande

Coleção:
Deusas Brasileiras

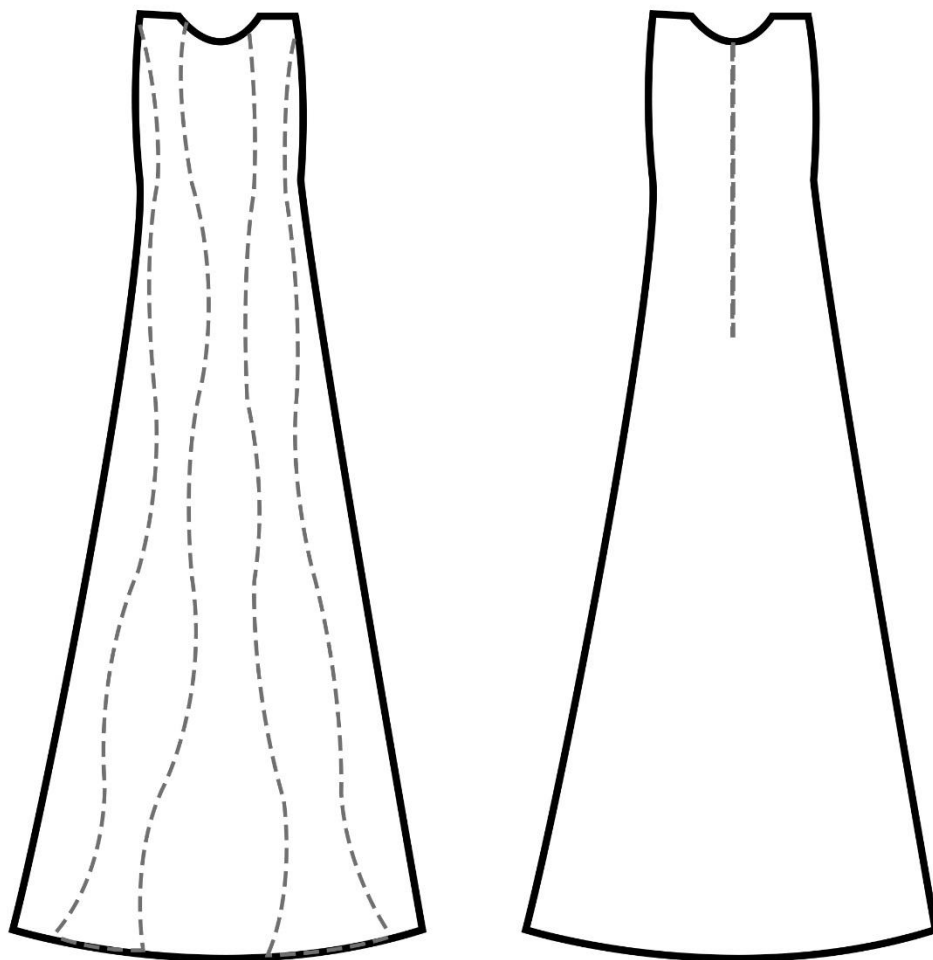
Designer:
Ariadine Quadros

Descrição: Vestido solto preto com detalhe em formas sinuosas na parte frontal.

Material:
Tecido Crepe
Georgete preto e
tom terroso.

Confeção:
Mônica Pinheiro e
Eliseu Capela.

Custos:
Material: R\$ 60,00.
Mão de obra:
R\$: 50,00.



Ficha Técnica

Peça:

Caipora/
Caipora

Coleção:

Deusas Brasileiras

Designer:

Ariadine Quadros

Descrição: Top verde transpassado no corpo e saia em tom terroso com fenda e tira frontais.

Material:

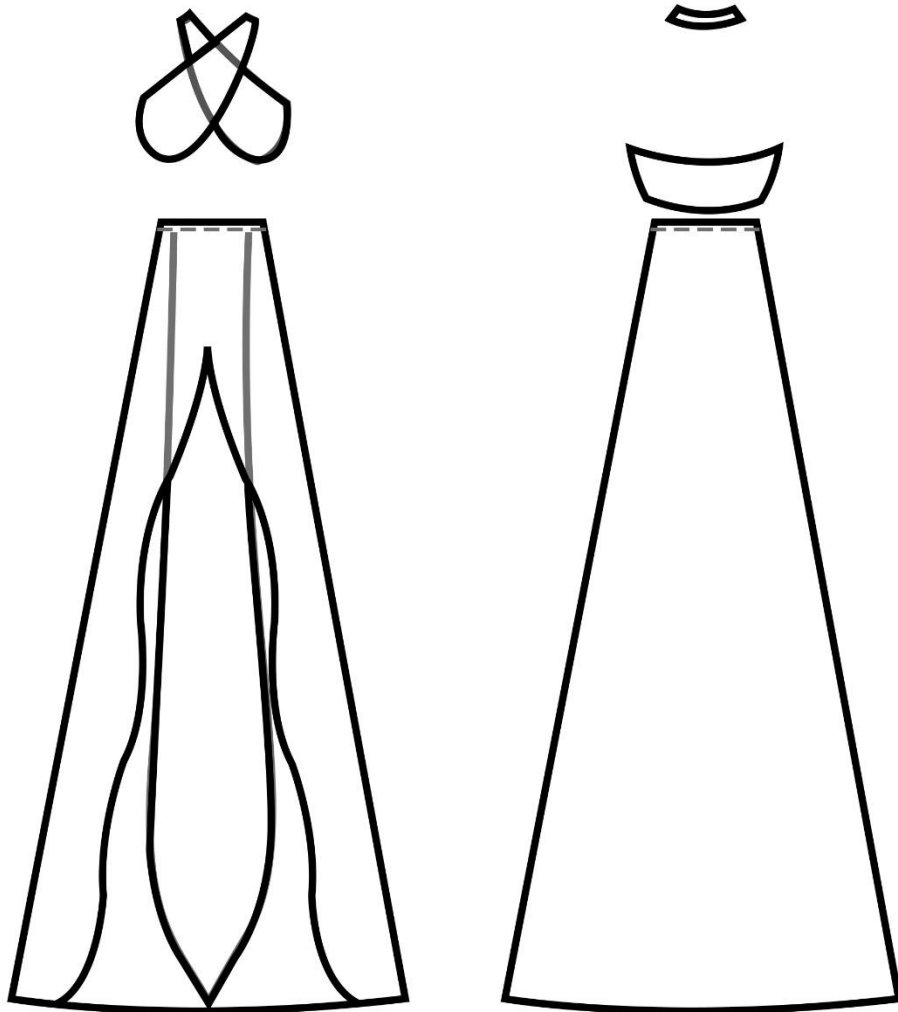
Tecido Crepe
Georgete verde e
tom terroso.

Confecção:

Mônica Pinheiro e
Eliseu Capela.

Custos:

Material: R\$ 75,00.
Mão de obra:
R\$: 50,00.



Ficha Técnica

Peça:
Ceucy

Coleção:
Deusas Brasileiras

Designer:
Ariadine Quadros

Descrição: Vestido azul com duas fendas laterais e detalhe no busto e na parte frontal na cor rosa.

Material:
Tecido cetim azul e rosa.

Confecção:
Mônica Pinheiro e Eliseu Capela.

Custos:
Material: R\$ 32,00.
Mão de obra:

